

Correio das Artes

ANO
LXXVI

Nº
11



R\$ 20,00

Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes, R\$ 20,00.



Um Nordeste para os nordestinos

Suplemento
literário
do Jornal A União
Janeiro
2026

Polêmico paraibano Allyrio Meira Wanderley usava uma escrita que incomodava, provocava e desafiava como o seu instrumento para combater o próprio apagamento

**NOTÍCIA COM FONTE,
FATO COM PROVA,
INFORMAÇÃO COM
CREDIBILIDADE.**

**CORREIO DAS ARTES
COM REGULARIDADE.**

marketing epc/foto: leonardo ariel



A UNIÃO



Ano CXXXII Número 033 | R\$ 3,00



João Pessoa, Paraíba - QUARTA-FEIRA, 12 de março de 2025

Fundado em 2 de fevereiro de 1893 no governo de Álvaro Machado

auniao.pb.gov.br |    @jornalauniao

CONEXÃO EUROPA

Potencial econômico da Paraíba é apresentado para 150 países

do Fórum de Turismo que está sendo realizado em Lisboa. *Página*

Presidente da

**ASSINE O JORNAL A UNIÃO E RECEBA
MENSALMENTE O MELHOR SUPLEMENTO
LITERÁRIO DA PARAÍBA.**

83 99117-7042

Muito mais do que “polêmico”, Allyrio Meira Wanderley era preocupado com o Nordeste e — consequentemente — os nordestinos. Ele debatia a realidade que o cercava na sua época, expressando-se em palavras tão incômodas quanto necessárias.

Frequentemente, o Nordeste é alvo de críticas e xenofobia, uma “herança” que possui uma combinação nas raízes históricas de desigualdade, nas disparidades econômicas e nos estereótipos. Há em qualquer lugar problemas sociais como a pobreza, a baixa escolaridade e a falta de saúde, mas também há soluções, bem como a diversidade e as potencialidades de cada região brasileira. Na época, ao apontar a decadência da agricultura sertaneja e a concentração de poder econômico, Allyrio também mostra um modelo que condenava o Nordeste à estagnação.

O escritor paraibano, vindo do Sertão do estado, tinha experimentado “o pão que o diabo amassou” na chamada “pauliceia desvairada”, com seus bolsos vazios que lhe renderiam uma obra cheia dessas memórias de tempos difíceis, bem como as grades de uma prisão por conta de seus pensamentos.

Por isso, independentemente do “certo” ou “errado”, ele era feroz nas suas críticas, defendia teorias políticas impensáveis e dizia exatamente o que pensava.

Nesta edição, com o resgate de uma obra centenária e a segunda edição de uma coletânea, vamos ter um pequeno vislumbre da complexa personalidade que foi esse paraibano, através de pesquisadores, de especialistas e da família. Um homem que sobrevivia apenas da palavra e que denominava-se espectador e juiz.

Uma ótima leitura para todos.

“A CASA” | 16

Lanzaronte, onde vivia o casal José Saramago e Pilar del Río, era mais do que uma ilha

ENSAIO | 24

Um recorte dos 12 anos de experiência do fotógrafo, videomaker e piloto de drone Thercles Silva

CINEMA | 40

Às vésperas do seu centenário, “Metrópolis”, clássico de Fritz Lang, é mais do que um marco da Sétima Arte

ARTIGO | 46

Confira a leitura como farol: do mundo da palavra ao mundo digital

ANÁLISE | 52

Uma análise de discurso da recepção ao premiado filme “O Agente Secreto” pela imprensa sudestina

CRÔNICA | 56

“Em meio à onda inovadora que engole as almas, a busca por quem somos é um ato legítimo de resistência”



SECRETARIA DE ESTADO DA
COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL



Naná Garcez de Castro Dória
Diretora Presidente

William Costa
Diretor de Mídia Impressa

Amanda Mendes Lacerda
Diretora Administrativa,
Financeira e de Pessoas

Rui Leitão
Diretor de Rádio e TV

Correio
das Artes

Audaci Junior
Editor do Correio das Artes

Débora Borges
Diagramação

Bruno Chiossi
Arte da capa

Tônio e Bruno Chiossi
Ilustrações

Esmejoano Lincol
Revisão textual

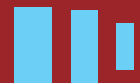
Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de textos, figuras, fotos, ilustrações autorais deste suplemento, sem prévia e expressa autorização da direção do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

OUVIDORIA: (83) 99143-6762

PABX: (83) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (assinaturas)

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br



Um escritor que nunca coube em palavras

Entre o excesso e a lucidez, a vida de Allyrio Meira Wanderley, uma pena sem dó e sem dono; a nova edição do centenário “Sol Criminoso” propõe reencontro com obra marcada por inquietações que dialogam com a realidade atual do país

Priscila Perez

priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Enquanto as suas memórias se recusarem a desaparecer, o escritor e jornalista patoense Allyrio Meira Wanderley (1906–1955) seguirá existindo. Não como ídolo nacional nem como nome afagado pela história da literatura, mas como palavra mordaz — que incomoda, provoca e desafia. Ao escrever que “se estas memórias não findam, é que eu me sobrevivo a mim mesmo”, trecho de *Bolsos Vazios* (1940), ele já intuía, naquela época, que a escrita seria sua principal arma contra o apagamento. Se escrevo, logo existo.

Com *Sol Criminoso*, seu romance de estreia — escrito em 1925 e publicado em 1931 —, prestes a ganhar sua merecida edição centenária por meio do projeto Mestres da Literatura Paraibana, iniciativa da Confraria dos Bibliófilos da Paraíba (CBP), Allyrio não retorna à cena cultural como objeto de uma simples reparação tardia. Organizado pelo escritor José

Mota Victor e pela doutora em Letras, Naelza de Araújo Wanderley, a nova edição propõe o reencontro com uma obra muito atual, marcada por inquietações que, ainda hoje, dialogam com a realidade brasileira, como desigualdade regional e concentração de poder, celebrando um intelectual que viveu e morreu sem dobrar-se ao *status quo*.

Segundo José Mota Victor, presidente da CBP e da Fundação Educativa Cultural Miguel Mota (Fecmma), embora *Sol Criminoso* não tenha alcançado, em âmbito nacional, a mesma repercussão que *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida (1887–1980), a obra teve um papel decisivo ao marcar a estreia de um autor profundamente conhecedor da cultura sertaneja, em um período de escassez de escritores paraibanos com circulação e reconhecimento. Até o título do livro carrega uma simbologia muito forte ao fazer alusão ao sol que castiga o nordestino,

quase como uma força opressiva que, nas palavras de José Mota, “não perdoa ninguém”, escancarando as contradições que compõem a dureza social retratada por Allyrio. O impacto do livro foi tamanho que *Sol Criminoso* acabou aclamado pela Academia Brasileira de Letras (ABL), em 1932, segundo o organizador. “Para você ter noção do quanto era difícil escrever e ter oportunidades por aqui, o primeiro livro publicado de história da Paraíba, por um paraibano, foi no início do século 20”, afirma, evidenciando a importância da obra em um contexto de quase inexistência de espaço editorial para autores do estado.

Após levar quase 20 anos para reunir todas as obras do escritor patoense, o colecionador José Mota descreve o processo como uma verdadeira arqueologia literária, dedicação que acabou ganhando corpo no projeto Mestres da Literatura Paraibana. A iniciativa tem como objetivo resgatar obras importantes que não tiveram reedições ao longo do tempo, como é o caso de *Sol Criminoso* e de outros títulos do autor, entre eles *Os Brutos*, *Bolsos Vazios*, *Ranger de Dentes* e *Os Carneiros Cinzentos* (publicado um ano depois de sua morte), hoje fora de circulação. Para se ter ideia, além deles, há textos que nem sequer chegaram a ser publicados, a exemplo de *Cães sem Dono*, escrito em 1932, além de romances inacabados, peças teatrais e escritos filosóficos que desapareceram, permanecendo inéditos, o que aju-

da a explicar o silêncio em torno dele nas décadas seguintes. “Há tanta gente que ficou anônima e não ganhou tanto destaque quanto deveria. E sem nada ‘importante’ registrado, essas vozes vão desaparecendo”, reflete.

Nesse contexto, a edição especial de *Sol Criminoso*, mesmo restrita aos membros da confraria, assume um caráter simbólico ao devolver materialidade a uma obra que, até aqui, resistia pela força da memória.



Imagem: Reprodução/Acervo CBP

Ao escrever que “se estas memórias não findam, é que eu me sobrevivo a mim mesmo”, Wanderley já intuía, naquela época, que a escrita seria sua principal arma contra o apagamento

Resgate e reconhecimento

Não à toa, compartilhar os pensamentos do romancista paraibano com os leitores de hoje representa mais do que um resgate histórico: é, também, uma forma de reconhecer que vozes como a dele, potentes e impetuosas, não podem ser simplesmente caladas, mesmo quando incomodam. E Allyrio, definitivamente, incomodava muita gente por onde suas palavras ecoavam. Nos papéis de romancista, jornalista, crítico literário, poeta, teatrólogo, ensaísta, sociólogo e conferencista, ele foi, ao mesmo tempo, vítima e algoz, assim como espectador e juiz, como ele próprio gostava de dizer.

Foto: Arquivo pessoal



José Mota Victor, presidente da Confraria dos Bibliófilos da Paraíba (CBP), é um dos organizadores da segunda edição do "Sol Criminoso"

Se é a primeira impressão que fica, foi sua excentricidade que permaneceu na memória de quem tropeçava em seu raciocínio afiado. Homem culto, à frente de seu tempo, Allyrio não media palavras, ostentando uma personalidade que beirava à insubmissão. Nos vários círculos pelos quais passou, estremeceu suas bases — no literário, pela ferocidade de suas críticas; no campo político, ao defender teorias impensáveis à época; e no convívio intelectual, por dizer exatamente o que pensava.

Ainda assim, esse perfil apresenta apenas uma fração do que foi o escritor e jornalista paraibano. E, parafraseando o escritor norte-americano Tom Peters, como não houve uma segunda chance de causar uma primeira boa impressão, revisi-

tar sua vida e obra é o caminho mais honesto para compreendê-lo além dessa imagem inicial. "Acredito que ele poderia ter alcançado uma projeção maior, como José Lins do Rego, mas criou problemas com vários setores e personalidades, a exemplo de Gilberto Freire. Ao mesmo tempo, vi um grande escritor como Graciliano Ramos elogiar o trabalho de Allyrio por conta de uma crítica feita a ele. Apesar de tudo, ele era considerado um dos grandes intelectuais da época", aponta José Mota Victor, destacando que, embora polemizasse como ninguém, o romancista era respeitado tanto nas redações quanto nas rodas literárias.

Prezado Allyrio: tenho procurado avistar-me com Monte Brito, mas esse seu amigo é vaporoso, é abstrato, abala-me as convicções, atira-me ao idealismo, insinua-me a suspeita de que um ser livre de carne e osso é capaz de escrever extensos rodapés. Na livraria e no jornal percebemos a sombra de Monte Brito. (...) Se eu conseguisse uma obra-prima isenta de realidade, feita com pedaços de sonho, não lhe torceria Monte Brito o nariz? Foi, presumo, a afinidade que lhe excitou a perspicácia e o levou a descobrir nos meus escritos o material necessário ao seu trabalho. Isso e o conhecimento perfeito da região estudada por mim, dos nossos hábitos, da nossa economia, das nossas tradições, da nossa língua.

Trecho de *Solilóquio derramado*, autocrítica literária de Graciliano Ramos, direcionada ao crítico Monte Brito, pseudônimo de Allyrio Meira Wanderley

Centenário do "Sol Criminoso"

Todos os 100 exemplares da edição centenária de *Sol Cri-*

minoso (Editora Ideia), parte do projeto Mestres da Literatura Paraibana, foram vendidos antecipadamente para os membros da confraria. O lançamento ocorreu no dia 30 de janeiro, na cidade de Patos, durante evento que contou com a exposição *O Louro do Jabre*, com cartas, documentos, objetos pessoais do autor, como a caneta utilizada por ele nas redações de jornais, além das primeiras edições de suas obras, traduções de autores russos, incluindo Dostoiévski e Tolstói, e trabalhos de artistas plásticos. A programação especial aconteceu na sede da Fecmma.

Além do texto integral do romance, a edição traz conteúdos inéditos, que não constavam na versão original, incluindo um estudo crítico, assinado pela professora da Universidade Federal de Campina Grande (UFPB), Naelza de Araújo Wanderley, além de um ensaio analítico de José Mota Victor, que contextualiza a obra no cenário literário, social e político da época. O livro foi produzido em formato de luxo, com capa dura, acabamento especial e exemplares numerados.

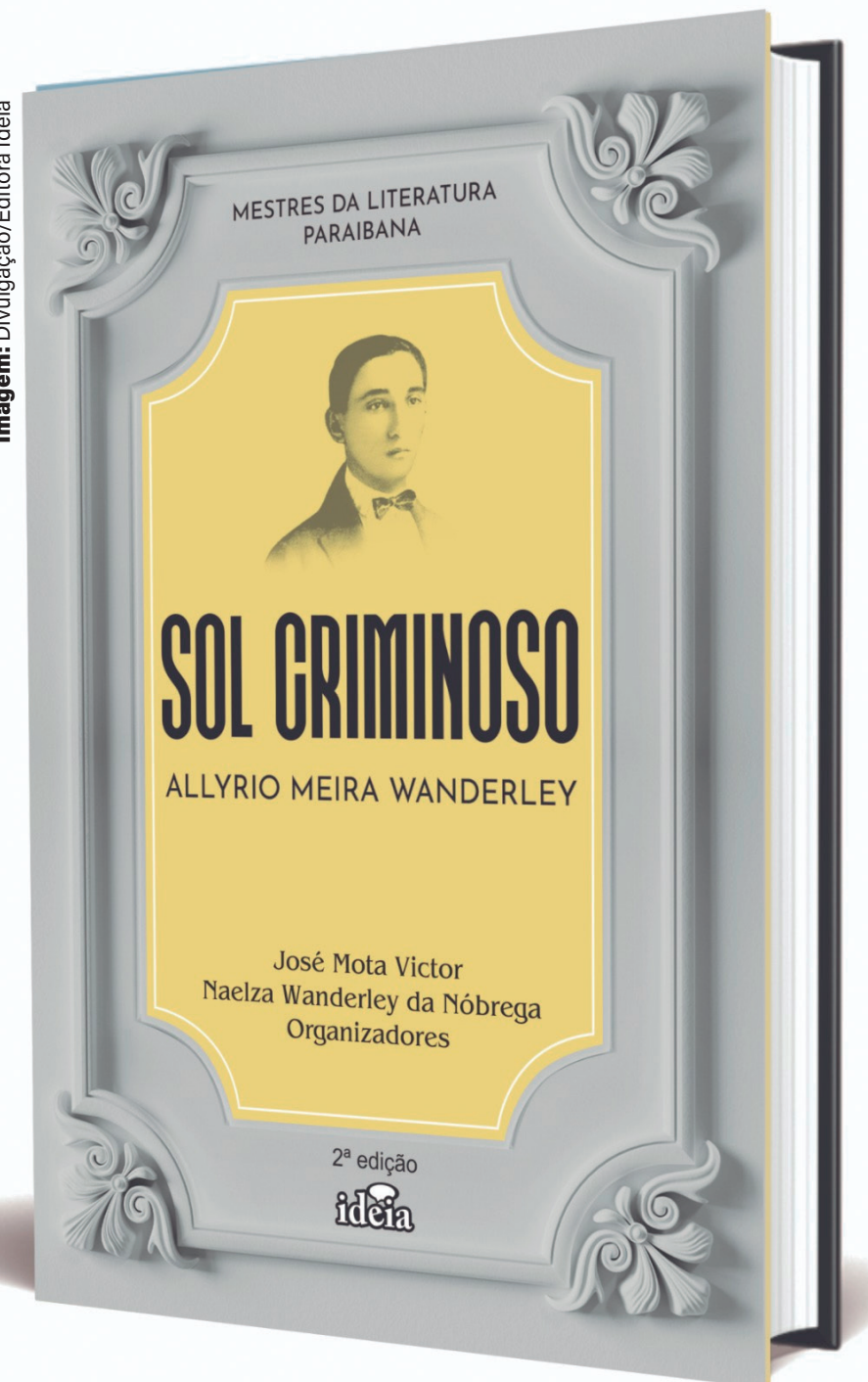
Jornalista implacável

A sua postura indomável, porém, não nasceu da convivência com outros intelectuais. Antes de afirmar-se como escritor, Allyrio Meira Wanderley foi, sobretudo, um jovem apaixonado por literatura e, mais adiante, um jornalista de ofício, daqueles que escreviam para pagar as contas, como também para "questionar" quem julgava necessário. Na década de 1920, ainda muito jovem, aos 18 anos apenas, após passar pelo Colégio Pio X, em João Pessoa, e pelo Colégio Salesiano, em Recife, Pernambuco, Allyrio já dava sinais de

inquietação intelectual. Durante essa fase estudantil, chegou a escrever seu primeiro romance em folhas almaço, textos que acabaram queimados a mando do diretor da instituição recense por "indisciplina".

Foi nesse contexto que decidiu aventurar-se em São Paulo, movido pelo desejo de trabalhar e continuar os estudos. A primeira experiência, no entanto, foi marcada por dificuldades: viu-se desempregado e com os "bolsos vazios", o que o inspirou a escrever um de seus romances mais autobiográficos. Foi, também, nessa época, que casou-se com a ale-

Imagem: Divulgação/Editora Ideia



Nova edição propõe o reencontro com uma obra atual, marcada por inquietações que, ainda hoje, dialogam com a realidade brasileira, como desigualdade regional e concentração de poder

mã Augusta Herta Cleneveth, com a qual teve seu primeiro filho — Jabre.

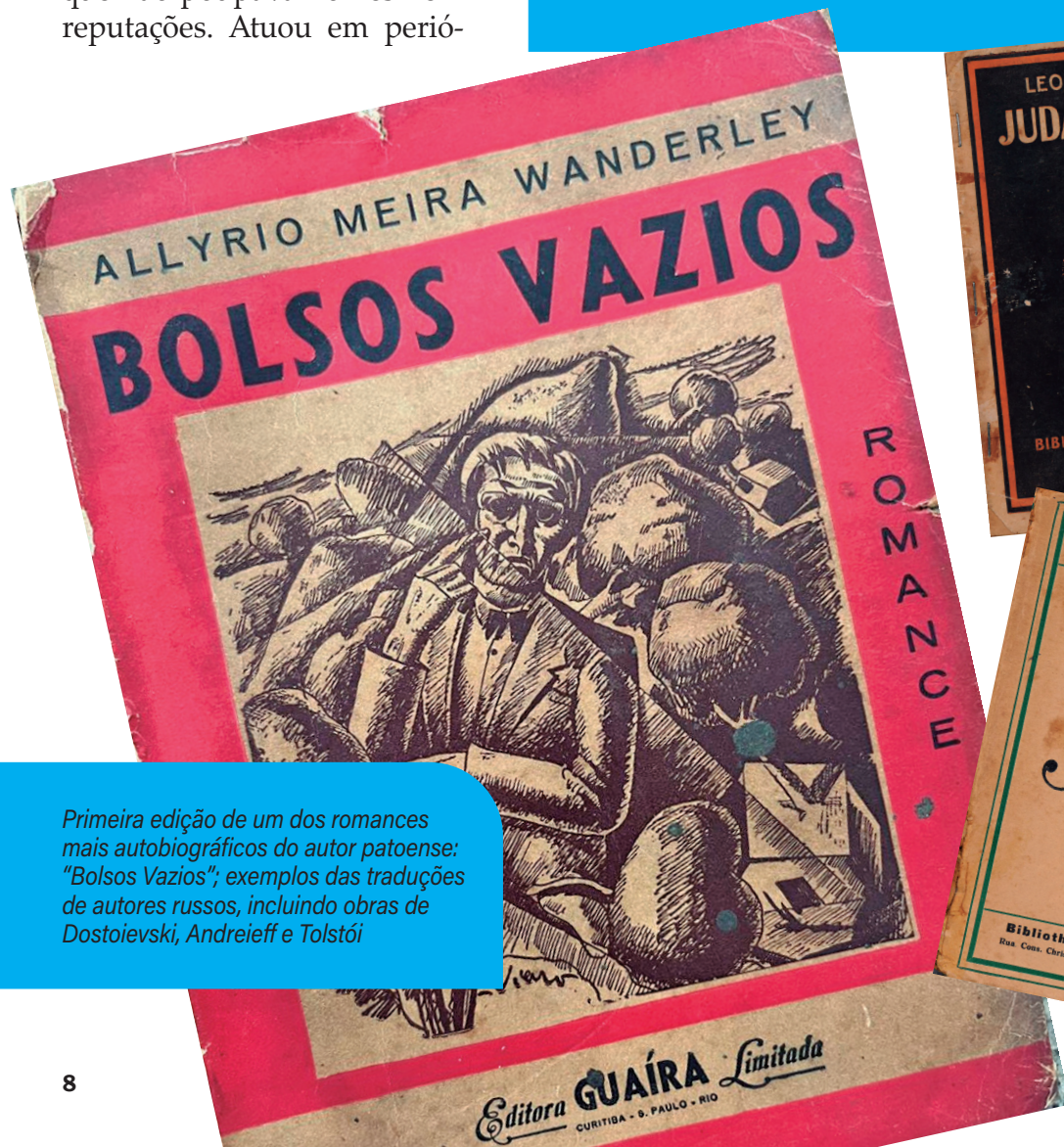
Já na década de 1930, depois de um período passado na Europa, Allyrio retorna disposto a enfrentar a pauliceia, passando a atuar como tradutor para jornais e editoras paulistas, justamente quando se iniciava a publicação da Biblioteca de Autores Russos. É nesse período que Allyrio traduz para o português grandes autores como Tolstói (*Khadji-Murat* e *Padre Sérgio*), Dostoiévski (*O Jogador*) e Leonid Andreiev (*Judas Iscariotes* e *Os Sete Enforcados*). Em paralelo a essa intensa empreitada filosófica, que ampliaria de forma decisiva seu repertório, Allyrio firma-se como jornalista e crítico literário em jornais de grande circulação. É nas redações que molda uma escrita direta, por vezes ferina, que não poupava nomes nem reputações. Atuou em periód-

icos como *A Razão*, *Correio de São Paulo*, *Correio Paulistano*, *O Dia*, *A Plateia* e *A Gazeta*, além de colaborar com jornais no Rio de Janeiro, como *A Manhã* e *O Jornal*. Na Paraíba, escreveu para *A União*, dirigiu o

matutino independente *O Estado da Paraíba* e colaborou com *O Norte*, *Correio da Paraíba* e *Paraíba Agrícola*, mantendo, ainda, textos publicados no *Diário de Notícias* e na *Gazeta de Alagoas*.

Definitivamente, Allyrio não falava russo

Apesar do profundo interesse pela literatura russa, Allyrio Meira Wanderley não falava russo. A explicação está em um método comum no início do século 20, conhecido como “tradução a quatro mãos”, do qual o escritor paraibano participou. Segundo José Mota Victor, tratava-se de um processo em que o editor russo Georges Selzoff lia as obras originais em voz alta e as traduzia, enquanto os escritores brasileiros convidados ficavam responsáveis por dar forma literária ao texto em português. “Esses livros publicados em 1931 são os primeiros traduzidos diretamente do russo no Brasil”, explica o especialista, ao destacar que o método exigia domínio da língua, repertório literário e sensibilidade estética. Aliás, em alguns desses livros, a exemplo de *Judas Iscariotes*, o nome de Allyrio não aparece nos créditos.



Primeira edição de um dos romances mais autobiográficos do autor patoense: “Bolsos Vazios”; exemplos das traduções de autores russos, incluindo obras de Dostoiévski, Andreieff e Tolstói



Fotos: Reprodução/Acervo CBP

Escritor de ideias fortes e palavras afiadas

Como lembra o historiador e advogado, Renato César Carneiro, pesquisador assíduo da obra de Allyrio Meira Wanderley e autor de dois trabalhos dedicados ao escritor, ele “era muito afirmativo nas ideias e contundente nas palavras”, em um tempo em que o meio intelectual não estava acostumado a ser enfrentado daquela forma, ainda mais por um homem de perfil tão excêntrico, de um pequeno estado do Nordeste. Até os últimos anos de vida, foi redator, crítico e articulista, sobrevivendo da palavra — e apenas dela. “Ele foi jornalista e escritor o tempo todo, e só sobrevivia do que escrevia. Era 24 horas escritor, 24 horas um polêmico e 24 horas um homem azedo. Mas ele teve uma vida muito difícil, de classe média, e não ganhou muito dinheiro”, destaca Renato, ao lembrar que Allyrio defendia a ideia de que só era escritor, de fato, quem vivia da própria escrita.

Entretanto, segundo o historiador, havia também no patoense uma ambição clara por reconhecimento nacional, desejo que nem sempre encontrou a correspondência esperada, o que ajudaria a explicar o tom combativo de muitos de seus textos e a forma como buscava se impor no cenário literário “chutando a porta”, nas palavras de Renato César. “Acho que era justamente essa ânsia de sucesso que contribuía para que ele escrevesse polêmicas”, observa.

No entanto, o que mais chamava atenção em Allyrio

era a coerência, traço que lhe custou caro ao afastá-lo das alianças confortáveis que a família Wanderley poderia lhe proporcionar em Patos. Recusou qualquer tipo de tutela política ou intelectual, mesmo quando isso significava romper com expectativas e privilégios herdados. Brena Stefani Meira Acioly de Sousa, neta de Allyrio por parte de sua terceira esposa, dona Teresinha, é enfática ao afirmar que o avô enfrentava diretamente essas estruturas de poder. “Temos aí uma família conservadora que praticamente dominava a cidade de Patos. Já Allyrio era contra essas oligarquias e colocava-se no extremo oposto do que acreditavam”, relembra.

Ao mesmo tempo, Brena Stefani acredita que o peso simbólico e político da família

funcionava como uma espécie de escudo, que permitia a ele sustentar suas convicções, inclusive o comunismo como ideologia, sem sofrer consequências mais graves. “Quando Allyrio foi preso, não foi morto ou torturado por conta dessa influência. Na época, ele passou um tempo na cela do quartel e depois foi obrigado a ficar dentro de casa. A ordem era: ‘Segure seu filho aí, porque se ele sair ou continuar nesse movimento, vamos matá-lo’. O próprio pai ligou para o quartel e falou diretamente com o pessoal de lá, para saber se estava bem. Aliás, a família tinha telefone na fazenda, o que era uma coisa raríssima”, conta a neta, ao recordar o período em que o escritor passou a ser perseguido devido à repercussão de uma de suas obras.

Neta de Allyrio Meira Wanderley, Brena Stefani Meira Acioly de Sousa conta sobre as lembranças ditas pela avó: “De tão envolvido com a escrita, parecia esquecer o mundo ao redor”

Foto: Acervo pessoal



Um Nordeste para os nordestinos

Com certeza, esse capítulo é um dos mais emblemáticos da trajetória de Allyrio Meira Wanderley como jornalista e escritor. Se já não bastasse tecer críticas literárias incisivas, ele decidiu embrenhar-se em um terreno ainda mais espinhoso — e que o marcaria para sempre: a defesa de um Nordeste pensado e governado pelos próprios nordestinos, tema que ganhou forma no livro *As Bases do Separatismo*, de 1935. O ideal exposto ali, no entanto, não surge abruptamente. Como explica o historiador Renato César Carneiro, esse pensamento começa a ser construído bem antes dele, a partir de *Sol Criminoso*, em um período em que a literatura proletária ganhava força no país, influenciada pelos ecos socialistas da Revolução Russa. Segundo ele, ao retratar a decadência da agricultura sertaneja, a crise do algodão e a concentração de poder econômico, Allyrio expõe um modelo que condenava o Nordeste à estagnação. Nos livros seguintes, esse pensamento se aprofunda, com críticas à desigualdade, ao abuso de poder e à omissão do Estado. Em *Os Brutos*, o cangaço surge como resposta à violência do Estado; em *Bolsos Vazios*, o nordestino é confrontado pela aridez de São Paulo; e, mais adiante, o ideal vira projeto político. “O separatismo não surge de repente. Ele é um desdobramento lógico da obra. Há uma unidade de pensamento”, sintetiza Renato César.

Em *As Bases do Separatismo*, por sua vez, Allyrio defende um

modelo de reorganização administrativa do país, sustentado por dados históricos e financeiros que remontam ao período imperial. Para ele, o Nordeste deveria ser governado pelos próprios nordestinos, não por ressentimento ou sentimento de superioridade, mas por constatação prática.

Na prática, o que o intelectual paraibano propunha era um separatismo administrativo, distante das leituras preconceituosas que, mais tarde, tentariam se apropriar do conceito. Aliás, de acordo com o próprio historiador, o escritor paraibano é mais conhecido no Sul, em razão do separatismo, do que na própria Paraíba. “Diferente do que falavam que o Sul e Sudeste carregavam o Nordeste nas costas, Allyrio queria mostrar que nós, nordestinos, não recebíamos serviços compatíveis aos impostos que são recolhidos

Para Allyrio Meira Wanderley, o Nordeste deveria ser governado pelos próprios nordestinos, não por ressentimento ou sentimento de superioridade, mas por constatação prática



Foto: Acervo pessoal

“O separatismo não surge de repente. Ele é um desdobramento lógico da obra. Há uma unidade de pensamento”, sintetiza o historiador e pesquisador Renato César Carneiro

pelo poder central”, explica o historiador.

O impacto do livro foi imediato. Em pleno Estado Novo, período marcado pela defesa ferrenha da chamada “unidade nacional” — Getúlio Vargas chegou a ordenar a queima das bandeiras dos estados brasileiros para simbolizar a supressão da autonomia regional —, defender publicamente a separação do território era visto como uma grave ameaça à ordem. Allyrio passou, então, a ser perseguido, denunciado ao recém-criado Tribunal de Segurança Nacional e condenado em primeira instância, tornando-se o autor da primeira obra literária formalmente processada por essa corte. Naturalmente, os exemplares do livro, classificados como material “separatista”, foram recolhidos e apreendidos pelo governo, em uma tentativa clara de silenciar o debate antes mesmo que ele se espalhasse. De acordo com sua neta, ele chegou a permanecer cerca de seis meses preso e precisou se esconder na região do Pico do Jabre, no Sertão paraibano, enquanto aguardava uma decisão judicial, episódio que lhe rendeu o apelido de “Louro do Jabre”. Mesmo absolvido posteriormente, pas-

sou a carregar o estigma de autor indesejável, tanto no campo político quanto no literário.

Cancelamento

De volta à Paraíba, retomou o jornalismo na imprensa local, atividade que exerceu até o fim da vida. Porém, como analisa Renato César Carneiro, a polêmica que lhe garantiu visibilidade também pavimentou seu esquecimento. “Ele foi posto de lado pelas autoridades paraibanas. Ninguém queria entregar um jornal a ele, porque brigava com todo mundo, não tinha freios. Já tinha fama de brigão e, depois da prisão, passou a ser visto como uma pessoa indesejável”, afirma o historiador.

Não por acaso, Allyrio virou uma figura incômoda até mesmo em seu próprio estado. Renato César chama atenção para um fator decisivo nesse processo: a presença de Ernani Sátiro (1911–1986), seu conterrâneo, como nome forte da política paraibana. Eleito constituinte em 1935, o patoense construiu uma trajetória contínua no poder, acumulando vários mandatos como deputado federal e chegando ao governo da Paraíba em 1970. “Eles tomaram caminhos políticos muito diferentes”, explica Renato César, citando um novo estudo, de sua autoria, que está por vir. Para o historiador, essa dissonância entre eles acabou contribuindo para o “cancelamento” do escritor, sobretudo após a sua morte, em 1955. “Enquanto esteve vivo



Imagem: Reprodução Acervo CBP

Por conta de seus pensamentos, Allyrio virou uma figura incômoda até mesmo em seu próprio estado

e no poder, era praticamente proibido falar de Allyrio na Paraíba. Em toda a sua vida, Ernani Sátiro não tocou no nome dele, o que é estranho porque, além de líder político, foi um grande romancista”, pontua.

Ainda assim, entre a coragem de sustentar as próprias ideias e o custo de enfrentá-las em um país historicamente avesso à discordância, Allyrio escolheu não recuar e continuou escrevendo. Prova disso é o editorial publicado após a morte de Getúlio Vargas, em 1954, no qual sintetiza sua visão trágica da política brasileira ao afirmar que o presidente “morreu como um roma-



Lançamento de "Sol Criminoso" ocorreu no dia 30 de janeiro, na sede da Fecmma, em Patos, no Sertão paraibano, com a exposição "O Louro do Jabre", que trouxe cartas, documentos e objetos pessoais do autor, além das primeiras edições de suas obras e das suas traduções de autores russos

Fotos: Divulgação/Acervo CBP e Fecmma

no", em uma referência direta ao suicídio na Roma Antiga.

Vale lembrar que, apesar dos obstáculos impostos, Allyrio também tentou disputar espaço no terreno político. Em 1952, candidatou-se a deputado estadual pelo Partido Social Democrata (PSD), mas obteve um pouco mais de 200 votos. Longe de uma campanha baseada em promessas fáceis, o romancista fez questão de registrar publicamente o sentido de sua candidatura no texto *Um candidato fala ao povo*. Ali, deixa claro que não se via como salvador da pátria nem como figura messiânica, mas como alguém disposto a escutar e interpretar a realidade. "Sou um escritor, um jornalista e um assistente social", afirmou, colocando-se à disposição para "ouvir, sentir, sofrer e traduzir" a alma do seu povo. Ao rejeitar promessas vazias, queria agir como um intérprete fiel da aspiração coletiva.

"Não tenho promessas a fazer. Não direi que, eleito, farei isto ou aquilo, porque, afinal, um deputado estadual é bem pouca coisa n'este mundo", escreveu Allyrio Meira Wanderley.

Impetuoso até o fim, mas, acima de tudo, humano

Por trás do jornalista implacável e do intelectual polêmico, havia, também, um homem dedicado à família. Allyrio Meira Wanderley casou-se três vezes e teve seis filhos, distribuídos entre essas uniões (quatro deles com Eulália França Meira — Bongi, Ruda, Herta e Sandro), mas foi ao lado da terceira esposa, Teresinha Carvalho, que

encontrou sua paz. Mais jovem, vinda de uma família pobre e distante dos códigos sociais que cercavam o escritor, ela não tentou moldá-lo, nem exigir dele o que nunca esteve disposto a oferecer. Ao contrário: acolheu sua inquietação, sua ânsia por liberdade e seus excessos, sem jamais pedir que ele fosse menos do que era.

Brena Stefani Meira Acioly de Sousa, neta de Allyrio, guarda com nitidez as histórias que ouviu da avó sobre a intimidade do casal. "Ele era extremamente afetuosos com ela, muito cuidadoso e ciumento também", relembra. À noite, enquanto Teresinha dormia, Allyrio escrevia à luz de um pequeno abajur, muitas vezes no mesmo quarto, para não afastar-se dela. Imerso nos próprios textos, chegava a rir sozinho enquanto discursava para si mesmo. "Minha avó contava que ele dava gargalhadas de madrugada. De tão envolvido com a escri-

ta, parecia esquecer o mundo ao redor", conta Brena.

Diferente da figura pública de postura impetuosa, Allyrio era um homem afetuoso no cotidiano. Ensinou a esposa a ler e se vestir, escolhia suas roupas e cuidava dela no dia a dia. "Minha avó dizia que ele era excêntrico, diferente de tudo que ela tinha conhecido na vida e muito inteligente. Ela não conhecia nada disso", complementa. Vaidoso, o escritor estava sempre "bem-arrumado e cheiroso", com a barba-feita e lavanda pelo corpo.

"Ele não era um homem bonito, mas era muito sedutor", diz a neta, ao descrever alguém que era capaz de virar uma mesa em defesa da esposa e, segundos depois, sair de braços dados com ela, como se nada tivesse acontecido. "Isso ocorreu na primeira vez em que ela usou salto e virou alvo de comentários por estar 'se equilibrando'. Ele real-

mente tinha esses rompantes, pulava da agressividade para a afetuosidade com muita facilidade”, acrescenta. Mesmo à distância, durante suas viagens a trabalho, Allyrio fazia-se presente por meio de suas famosas cartas enciumadas, endereçadas à esposa para saber como Teresinha estava.

Epílogo

Allyrio morreu cedo, aos 48 anos, no dia 15 de janeiro de 1955, possivelmente vítima de um aneurisma cerebral. Poucos dias antes, Brena conta que ele havia sofrido uma pancada na cabeça após cair no metrô, mas se recusou a procurar atendimento médico. Faleceu em casa, no bairro da Torre, em João Pessoa, cercado pela família. “Os médicos foram lá e tentaram fazer sangria nele. Teresinha levou minha mãe, Hulda, para o quarto e ficou com ele, na sala, enquanto faziam o procedimento, mas não houve possibilidade de reversão. Aneurisma é uma possibilidade. A outra é AVC hemorrágico, minha tia chegou a morrer disso”, conta.

Teresinha, então com pouco mais de 20 anos, ficou viúva muito jovem e nunca mais casou-se. “Ele foi o grande amor da vida dela. O único”, afirma Brena. O escritor, patrono da cadeira de número 37 da Academia Paraibana de Letras (APL), foi velado e sepultado em sua cidade natal, por decisão da família, onde também foi decretado luto oficial de três dias. De acordo com publicações da época, o cortejo até o cemitério da cidade mobilizou a população.

No fim, entre contradições e excessos, Allyrio encarnou aquilo que há de mais humano: a impossibilidade de ser reduzido a um único rótulo. Talvez seja por isso que ele continue incomodando – e ainda bem.

Diferentes olhares na obra “Allyrio em Sete”

Para quem deseja conhecer Allyrio Meira Wanderley para além das referências dispersas que circulam pela internet, o livro *Allyrio em Sete* funciona como um convite prático ao seu universo. A obra — que ganhará, em breve, a sua segunda edição pela Editora A União, com apoio da Fundação Ernani Sátiro (Funes) — reúne diferentes olhares sobre o escritor e, ao mesmo tempo, permite que ele seja lido em suas próprias palavras.

Ao explicar o livro, o professor, historiador e escritor Delzymar Dias deixa claro que Allyrio não comporta uma leitura única. Para ele, trata-se de um autor “difícil”, atravessado por fases e contradições. É justamente essa complexidade que orienta a estrutura da obra.

A primeira parte reúne textos críticos assinados não apenas por Delzymar, mas, também, por figuras como Gonzaga Rodrigues, Bruno Gaudêncio, José Romildo de Sousa, Josinaldo Gomes da Silva, José Ozildo dos Santos, Naeuda de Araújo Wanderley e José Mota Victor, com abordagens que variam entre ensaio literário, olhar histórico e análise crítica. Na sequência, o leitor tem contato direto com sete textos do próprio Allyrio, publicados entre 1934 e 1955. Neles, o escritor reflete sobre literatura, linguagem, Brasil e política, revelando um pensamento inquieto e provocador.

Para Dias, esse contato direto com a escrita do autor, inclusive por meio de recortes cotidianos de jornais da época, é fundamental para evitar leituras caricatas. “Nosso critério foi mostrar que estávamos falando de um escritor relevante. Precisava mostrar que Allyrio existe e possui uma obra importante”, crava. Em *Allyrio em Sete*, também é possível degustar entrevistas, críticas literárias e a carta Solilóquio Derramado, escrita por Graciliano Ramos, além de sonetos publicados no jornal *O Peba*, em 1930.

O objetivo, segundo o autor, não é criar um personagem monumental, transformando o homem em um vulto histórico. Em vez disso, Delzymar provoca o leitor contemporâneo a ler Allyrio de forma crítica, à luz do presente, reconhecendo tanto a sua força intelectual quanto suas tensões internas. “Quando as pessoas leem *As Bases do Separatismo*, peço para que entendam a perspectiva da separação que Allyrio defendia lá atrás, que é totalmente diferente de como os movimentos do Sul e do Sudeste defendem isso, hoje, a partir de critérios preconceituosos. Allyrio não fazia isso”, exemplifica.

Não à toa, cada texto assinado pelo escritor patoense é descrito por Delzymar Dias como “fascinante”, ainda que todos eles evidenciem seu lado polêmico e suas contradições. “Até aquelas pessoas que discordavam dele achavam Allyrio essa figura fascinante”, observa o organizador. Por isso, o objetivo central do livro é fazê-lo existir novamente, não como mito, mas como um autor que continua a provocar reflexões. “Ele nunca foi esse modelo irretocável, mas as pessoas precisam conhecer Allyrio, sua personalidade e sua obra”, finaliza o escritor.

Publicado pela Editora
A União com apoio da
Funes, a obra “Allyrio
em Sete” funciona
como um convite
prático ao universo do
romancista, jornalista,
crítico literário, poeta,
teatrólogo, ensaísta e
sociólogo paraibano

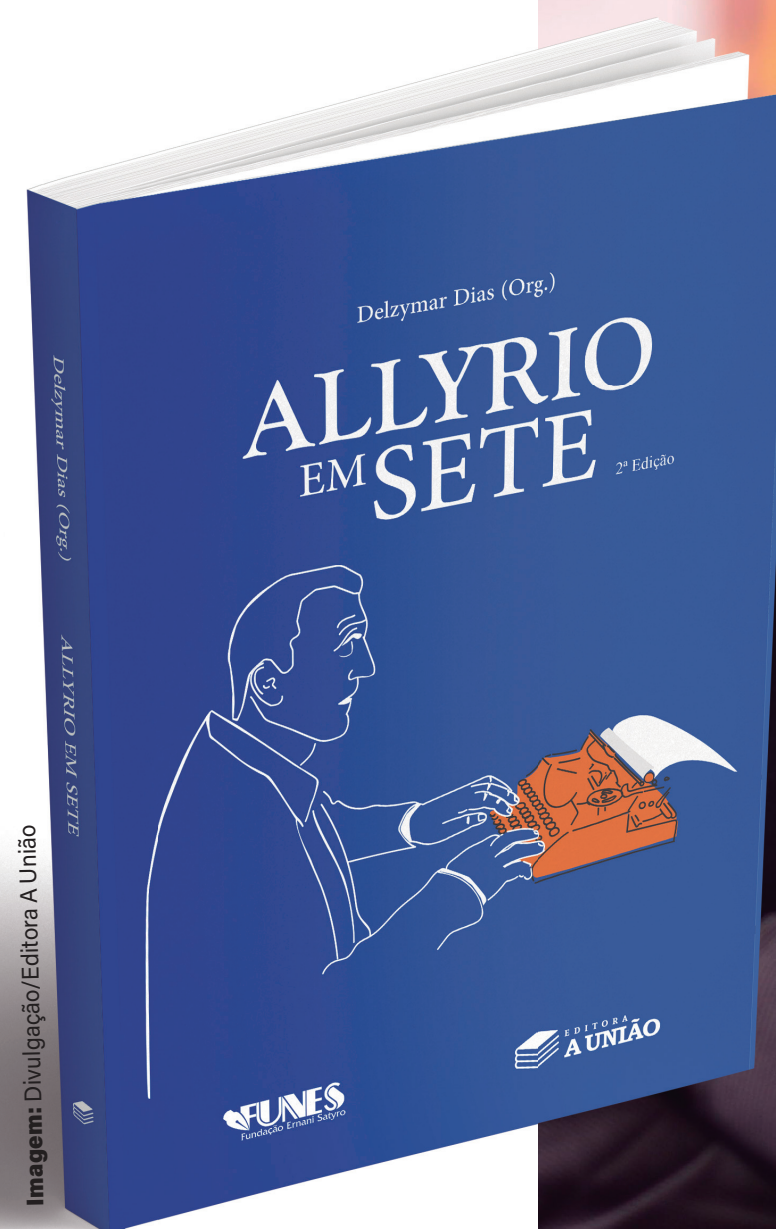


Imagem: Divulgação/Editora A União

Priscila Perez é jornalista formada pela Faculdade Cásper Líbero e já foi editora-chefe em um jornal local de São Paulo. Atualmente, ela é repórter do jornal *A União*.

Organizado pelo professor, historiador e escritor Delzymar Dias, livro reúne textos que variam entre ensaio literário, olhar histórico e análise crítica, além de sete escritos do próprio Allyrio

Foto: Arquivo pessoal



Analice Pereira
marianalice@hotmail.com

Clarisser

Um filho adotivo de Lanzarote

Quem opta por se acomodar de frente para o mar quase sempre se dedica a olhar para dentro de si mesmo, enquanto observa a superfície plana ou encrespada do oceano, um eterno mistério, promissor como todos os enigmas.
(Leonardo Padura, *Água por todos os lados*, p. 37)

É fácil encontrar pela internet reproduções de um depoimento de Pilar del Río sobre as suas impressões ao realizar as primeiras leituras de livros de José Saramago, ou seja, a sua recepção leitora. Ela diz que se sentiu profundamente respeitada como leitora e como cidadã. É igualmente fácil compartilhar desse sentimento com ela, em se tratando do referido escritor, tendo em vista, porém, que isso não se restringe a ele, mas se amplia a todos aqueles que encaram e desenvolvem seus projetos literários com

Na ilha, escultura recria a silhueta de uma oliveira (representação da infância de Saramago em Azinhaga) e apresenta a seguinte frase: "Lanzarote não é a minha terra, mas é a minha terra"

LANZAROTE NO ES MI TIERRA, PERO ES TIERRA MIA.
José Saramago.

Estrutura narrativa de "A intuição da ilha" vão da biografia ao memorial, do testemunho à crítica e interpretação literárias, da crônica ao diário



Imagem: Divulgação/Cia. das Letras

tamanha responsabilidade e zelo por aquele que o lê— seu principal interlocutor — como vem a ser o caso, inclusive, da própria Pilar del Río.

Ao ler *A intuição da ilha: os dias de José Saramago em Lanzarote*, livro de sua autoria, publicado no Brasil pela Companhia das Letras, em 2022, com tradução de Sérgio Machado Letria e ilustrações de Juan José Cuadrado, é esse o primeiro sentimento que se desperta, ao escancarar para o leitor o acesso a temas sérios e profundos, caros ao “casal Saramago”, sem descuidar de uma certa leveza, algum tom de humor, além de muito amor num sentido amplo da palavra. Em se tratando dos aspectos formais, o livro parte de uma lógica interna que evidencia todo um campo semântico da palavra “ilha” e do que ela compõe em termos metafóricos, alegóricos e, de certa maneira, míticos, de representação do que seria a sua intuição. A estrutura narrativa de que se vale a autora materializa-se em aspectos e características que vão da biografia ao memorial, do testemunho à crítica e interpretação literárias, da crônica ao diário. Tudo

isso adornado e conclamado por um título que instiga a reflexão sobre uma questão que se impõe: Se a intuição é da ilha e se as pessoas referenciadas no livro podem ser a ilha, que intuição seria essa?

Ainda sobre a estética da recepção anunciada no início desta coluna, no que se entende por impressões de leitor e que poderíamos denominar, relativamente a esse livro, como verdadeira experiência artística, vale a pena entender o lugar que o leitor ocupa na vida de José Saramago, quando, por exemplo, Miguel Gonçalves Mendes a ele se refere no livro *José e Pilar: conversas inéditas*, prefaciado por Walter Hugo Mãe e editado no Brasil pela Companhia das Letras, no ano de 2012. Na página 152 desse livro, Mendes cita a seguinte afirmação de Saramago:

Às vezes digo que a obra literária de um autor, a obra completa de um autor, aquilo a que se chama “Obras completas de fulano”, só estaria realmente completa se se publicasse num volume ou dois ou três as cartas dos leitores. Nas universidades fala-se muito da teoria da recepção, de como o livro é recebido, e uma leitura dessas cartas ajudaria os teóricos a compreender muitas coisas. Provavelmente muitos deles não puseram os olhos nunca em cartas como estas.

Seguindo na direção dessa ideia de Saramago, no livro de Pilar, Lanzarote é convertida em “centro do universo” porque “ali chegavam anseios e sentimentos de pessoas de diferentes continentes que superavam barreiras pela força da literatura.

Foto: Ernesto Rodrigues/Estádio Conteúdo

Foto: Reprodução/Fundação José Saramago



Foto: Reprodução/Turismolanzarote.com



José Saramago encontrou em Lanzarote, nas Ilhas Canárias, um refúgio criativo e pessoal após tensões políticas em Portugal, vivendo os últimos 18 anos de sua vida com Pilar del Río, até a morte do Nobel de Literatura, em 2010

Os leitores que escreviam a José Saramago continuavam o relato do tempo e do mundo que os jornais tinham iniciado minutos antes”. (p. 52-53).

No papel de uma das mais competentes leitoras do escritor português, além de tradutora para o espanhol, processo que, por diversas vezes, realizou-se ao mesmo tempo em que a obra ia sendo criada, Pilar del Río se apresenta, com esse livro, como aquela que realiza a ideia de Saramago de que é ao leitor que cabe a tarefa de completar a obra de um escritor. É essa perspectiva leitora que se destaca no livro, pois, ao passo em que biografa o escritor, ela faz a vez de crítica e intérprete, além de tradutora, extrapolando, assim, a mera apresentação de datas e contextos de produção, que constituem aspectos essenciais aos textos biográficos. Ela lê, em sentido profundo, a obra do seu biografado e, como artifício estético, ela o faz da perspectiva narrativa da ilha, valendo-se de um foco narrativo que parte de uma voz em terceira pessoa, para dar o seu testemunho de leitora e de companheira do primeiro Nobel de Literatura em língua portuguesa.

O título do livro já encaminha o leitor, natural e diretamente, para os três conteúdos que anuncia: os sentimentos de uma ilha, portanto, a sua personificação e humanização, uma vez que ela se configura, também, como personagem, além de foco narrativo; o espaço físico e geográfico chamado Lanzarote, em que se localiza *A Casa* onde viveu o “casal Saramago”; e a vida do escritor, com sua obra, suas ideias, seus amigos, seus familiares, seus vizinhos e tudo o que o circunda nesse espaço que é, ao mesmo tempo, geográfico e fabuloso

pelo que emana: afeto, respeito, ética, utopia, humanismo por excelência. Esses conteúdos são tratados pela autora como vasos comunicantes, em que os sentidos de um se ligam intrinsecamente aos sentidos dos demais, para representar uma ilha que sente e que intui.

Não é preciso ir muito longe na busca de referências filosóficas, manuais de um modo geral e dicionários de símbolos, para entender que “ilha” neste livro não se restringe a um lugar físico. Vai além disso e representa uma forma de se viver, olhar e estar no mundo e, por fim, tentar entendê-lo. É, portanto, um lugar metafísico e epistêmico. Mas é, sobretudo, perspectiva narrativa, pois é a partir dela que se conta a história de Saramago, seus amigos, vizinhos, animais, familiares. É da perspectiva da Ilha-Pilar, que se conhece essa história. Uma ilha personificada e humanizada pelo sentimento da intuição; ilha-personagem. Não por acaso, a história é, especialmente, de ambos, mas contada em terceira pessoa e se referindo aos dois como “o casal Saramago”.

Sendo a ilha-personagem a perspectiva narrativa dessa história, Lanzarote é, também, o *Cais* do casal; um lugar inventado, como na canção de Milton Nascimento e Ronaldo Bastos, cujo tema instrumental é recorrente em outras canções, álbuns, gravações e performances, como se o eu lírico estivesse constantemente em busca desse cais. A leitura do livro de Pilar se completa com essa trilha sonora, cujos versos parecem dizer o que diz a autora sobre o significado que representou para o casal Saramago a decisão de viverem cercados de águas por todos

os lados, como quem busca um cais: *Para quem quer se soltar / Invento o cais / Invento mais que a solidão me dá / Invento Lua nova a clarear / Invento o amor / E sei a dor / De me lançar*. Foi n’A Casa de Lanzarote e, mais especificamente, na sua biblioteca que o escritor se lançou no mergulho da produção de sua obra e, lançando-se junto a ele, seguiu a companheira, escritora, leitora e intérprete do escritor e do cidadão comprometido com os problemas mais complexos da humanidade, porque esse compromisso é, sobretudo, dela, também. Amor, amizade, livros e música são apresentados no livro de Pilar como combustíveis do casal; são a energia que movimenta suas ideias e o oxigênio que faz A Casa respirar.

Viver em Lanzarote foi uma decisão do casal, portanto, uma opção. Daí a epígrafe que abre esta coluna. Com seus paredões e vulcões, Lanzarote equivale, para Saramago, à intuição de um escritor-ilha que, ao contemplar aquelas paisagens banhadas por aquele mar, olhou para dentro de si, organizou suas ideias em livros, realizou seus projetos literários e se engajou em assuntos tão caros a ele como os direitos humanos, resultando, por exemplo, na proposta apresentada sob a forma de *Carta Universal dos Deveres e Obrigações dos Seres Humanos*.

O que Pilar nos mostra em seu livro é que, enquanto José Saramago contemplava a Ilha, parece que, reciprocamente, a Ilha retornava a ele pela intuição, como quem, num enamoramento correspondido, reafirma o “eterno mistério, promissor como todos os enigmas”. O livro de Pilar del Río é, portan-

to, sobre esse flerte. É por suas ideias e sua perspectiva que o leitor acessa, por dentro, dois universos: um chamado Ilha-José e outro Ilha-Pilar, um’A Casa dentro desses universos, uma biblioteca que levita dentro dess’A Casa, ao som das ondas das águas que a banham, da vida que brota em seus jardins, dos silêncios dos vulcões, dos acordes de Bach.

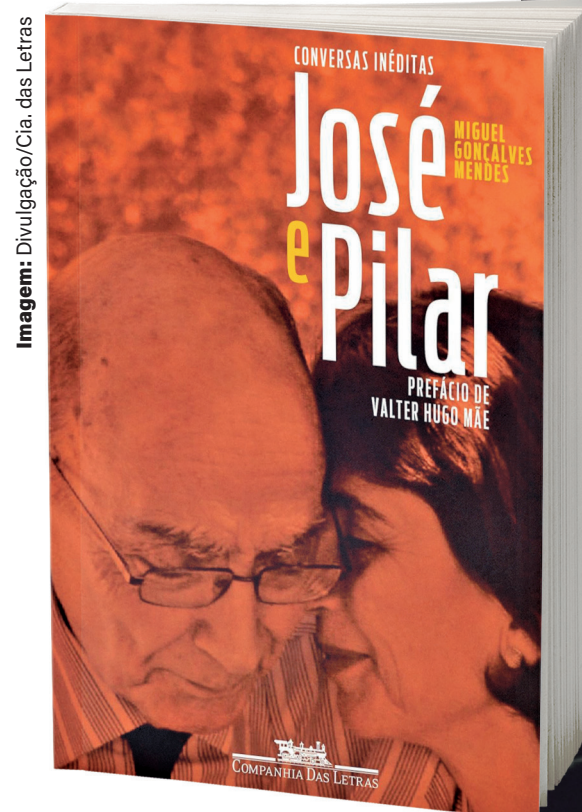


Imagem: Divulgação/Cia. das Letras

Amor, amizade, livros e música eram combustíveis entre o escritor português José Saramago (1922–2010) e a escritora, tradutora e jornalista espanhola, Pilar del Río

Analice Pereira é professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do IFPB. Escreve sobre literatura e, vez ou outra, aventura-se pela ficção. Mora em João Pessoa (PB).



Foto: Reprodução/Fundação José Saramago

o meu neto farofeiro

Ao Pedro Henrique

pela primeira vez na praia,
o meu neto viu
a imensidão-beleza que o cercava
e chegou à conclusão
de que paisagem tão bonita
não era só para ser comida
com os olhos, mas também com a boca.
e devorou-a inteira com a areia-farofa.

Praia do Poço, dezembro de 2006

no haicai:

a rã salta no lago
e amassa a imagem da lua
no espelho d'água

minhas cinzas

jogue-as para o alto
para que poluam
os céus da cidade baixa.

para que outros as respirem
convertendo-as numa fênix
de outras vidas renascida.

bala perdida?

amestrada
a bala
encontra
e alveja

o corpo da criança negra

ao operário José Pedro Ferreira

tens um lado ícaro,
quando, de andaime
em andaime,
cavas contra o sol
um claro abismo.

e um outro, sísifo,
quando, pedra
sobre pedra,
ergues o edifício.

e, se cézares
e faraós
não correm
qualquer risco,

é porque
teus andaimes
os sustentam

desde a antiga grécia, a mesopotâmia e o egito.

anticabral

"Não a forma obtida / em lance santo ou raro / tiro nas lebres de vidro / do invisível". (Psicologia da composição, de João Cabral de Melo Neto).

nada digo,
apenas roço
as fimbrias
do indizível.

nada miro,
tudo acerto
sem disparar
sequer um tiro.

ah, como acredito
no lance santo
ou raro,
nas lebres
de vidro
do invisível!

acautelai-vos, ó jovens

"As alterações de saúde provocadas pelo envelhecimento do indivíduo (...) reduzem a nitidez das cristas de fruição e pontos característicos que formam as impressões digitais". (Perita Lara Rosana da Silva, na internet).

se tudo e todos
fogem
dos velhos.

se até mesmo
as impressões
digitais

fogem dos seus dedos.

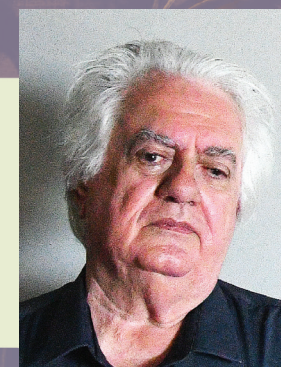
acautelai-vos, ó jovens,
pois os velhos
planejam

o crime
sem vestígios,
o crime mais que perfeito.

arte poética

haicai dos vegetais,
na linguagem dos bonsais,
ÁRVORE é árvore.

Sérgio de Castro Pinto é poeta, jornalista e professor aposentado de literatura brasileira da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Autor de diversas obras, como 'Zoo Imaginário', 'A Flor do Gol' e 'Brando Fogo das Palavras'. Mora em João Pessoa (PB).





Thercles Silva

Especial para o Correio das Artes

Vruuuuuu, vruuuuuu, vruuuuuu...

— Oxe, DDD 51, que estranho! Alô? — Alô, meu caro leitor? Se o senhor está me ouvindo, imagine que eu lhe ofereço uma cadeira. — Uma cadeira? Para quê? — Para conversarmos com calma. Não pretendo contar grandes feitos nem me colocar no centro de obra literária alguma. Sou só um viajante, guiado por mestres, muitos deles sem saber que o eram.

— Entendo... e de onde vem o senhor?

— Nasci em Campina Grande, ali no Agreste, entre a Mata Atlântica e o Sertão, como quem vive dividido entre a umidade e a secura. Foi lá que aprendi minhas primeiras lições, dadas pela própria terra, sempre exigente nos seus contrastes.

— E depois? — Depois vieram os mestres formais: professores que me ensinaram a juntar letras, a desconfiar delas e, sobretudo, a perceber que o conhecimento é uma viagem sem

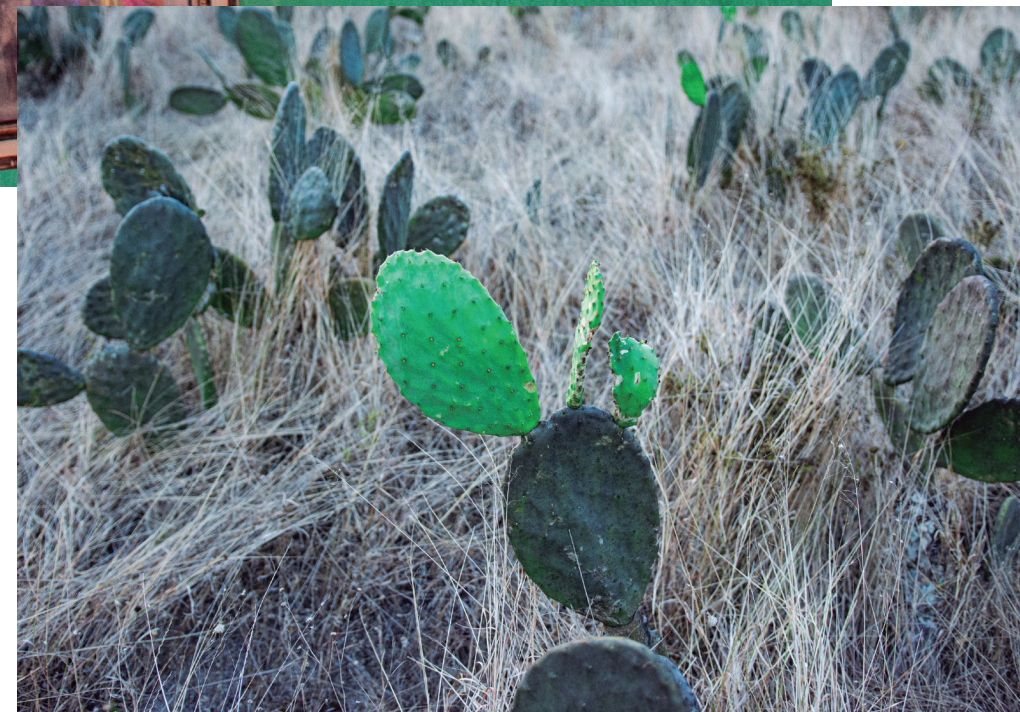
volta. Curioso é que também já ocupei o lugar deles e descobri que ensinar não passa de uma maneira elegante de continuar aprendendo.

— O senhor fala como se tivesse rodado muito. — Eita... um pouco. Estradas, aeroportos, janelas... todos eles se tornaram professores severos. Cada um com sua lição: umas claras, outras enigmáticas. Por isso digo que não venho louvar feitos, mas agradecer caminhos.

— E o que o senhor me mostra, então? — Imagens. Imagens marcadas por todos esses mestres, visíveis ou invisíveis, que me trouxeram até aqui. Se alguma emoção escorregar na minha voz, peço desculpa; a memória tem esse hábito de pôr brilho demais quando lembra de quem nos ensinou.

— E seguimos até onde? — Até a última imagem, meu amigo. Prometo não cansá-lo mais do que o necessário.

Thercles Silva















Thercles Silva é fotógrafo, *videomaker* e piloto de drone, com mais de 12 anos de experiência em registros culturais, institucionais e comerciais. Atua com olhar sensível e técnico, transitando entre a produção artística e o audiovisual comercial.

“Metrópolis”, o filme

O coração entre
a cabeça
e as mãos

Mirabeau Dias

Especial para o *Correio das Artes*

Cena com o governante Joh Fredersen (vivido pelo ator Alfred Abel, à esq.), o inventor Rotwang (Rudolf Klein-Rogge, no centro) e a andoide Maria (Brigitte Helm, à dir.): filme ambientado em 2026 é uma poderosa alegoria sobre o conflito entre o capital e o trabalho

Em 1927, no auge da República de Weimar, na Alemanha, é lançado o filme *Metropolis*, dirigido por Fritz Lang e roteirizado por Thea von Harbou, que é mais do que um marco do cinema expressionista alemão: é uma poderosa alegoria sobre o conflito entre o capital e o trabalho.

Produzido no ambiente artístico do expressionismo alemão, o filme representa a síntese entre o impulso estético das vanguardas do início do século 20 e o fascínio moderno pela técnica. Mais do que um relato sobre o futuro, *Metropolis* é uma reflexão visual

sobre o próprio ato de imaginar o futuro, inaugurando no cinema o gênero que mais tarde seria conhecido como ficção científica.

Nas artes plásticas, na literatura e no teatro, esse movimento buscava expressar as emoções internas do homem moderno — o medo, a angústia, a dúvida — através de formas distorcidas, sombras acentuadas e cenários simbólicos. No cinema, essa linguagem ganhou força singular: os filmes deixaram de representar a realidade de modo naturalista para transformar o espaço e a luz em projeções do inconsciente.



Foto: Reprodução/D'Gaggeri Studio

Diretor Fritz Lang e a roteirista Thea von Harbou forneceram a base estética que permitiu à ficção científica adquirir densidade simbólica



Foto: Deutsche Kinemathek/Reprodução

Metrópolis herda e amplia esse legado.

A cidade futurista criada por Lang e Harbou é construída como uma metáfora visual do mundo mecanizado, mas o interesse do filme não está apenas em sua crítica social, e sim em sua arquitetura estética. O espaço urbano é tratado como um organismo vivo, composto de linhas verticais, passarelas, elevadores e máquinas que respiram como pulmões metálicos.

O contraste entre luz e sombra — marca essencial do expressionismo — transforma cada cena em uma pintura em movimento. O uso de cenários artificiais, perspectivas forçadas e iluminação dramática confere ao filme uma dimensão quase onírica, em que o real e o imaginário se confundem.

No campo da ficção científica, *Metrópolis* é um marco inaugural.

Antes dele, o cinema ainda explorava o maravilhoso e o fantástico em curtas-metragens como *Viagem à Lua* (1902), de Georges Méliès.

Pela primeira vez, o cinema imagina o futuro não como sonho ou farsa, mas como a realidade construída — concreta, monumental e ameaçadora.

A estética expressionista permitiu a Lang e Harbou desenvolverem uma linguagem simbólica em que a tecnologia é tratada como extensão humana.

O uso de grandes planos, movimentos coreografados de massa e efeitos visuais inovadores cria a sensação de que a cidade respira, cresce e consome homens. O resultado é uma experiência sensorial que antecipa a estética futurista do cinema moderno, influenciando obras como *Blade Runner* e *2001: Uma Odisseia no Espaço*.

No aspecto técnico, *Metrópolis* foi revolucionário.

A produção mobilizou milhares de figurantes e introduziu métodos inéditos de filmagem, como a técnica de miniaturas combinadas e o efeito Schüfftan, que permitia integrar atores e maquetes no mesmo plano.

A direção de arte, assinada por Otto Hunte, Erich Kettelhut e Karl Vollbrecht, concebeu uma cidade vertical inspirada na arquitetura moderna e nas visões futuristas da época.

A trilha sonora de Gottfried Huppertz reforça a dimensão operística do filme, transformando a narrativa em espetáculo total, onde imagem e som convergem para o mesmo propósito estético.

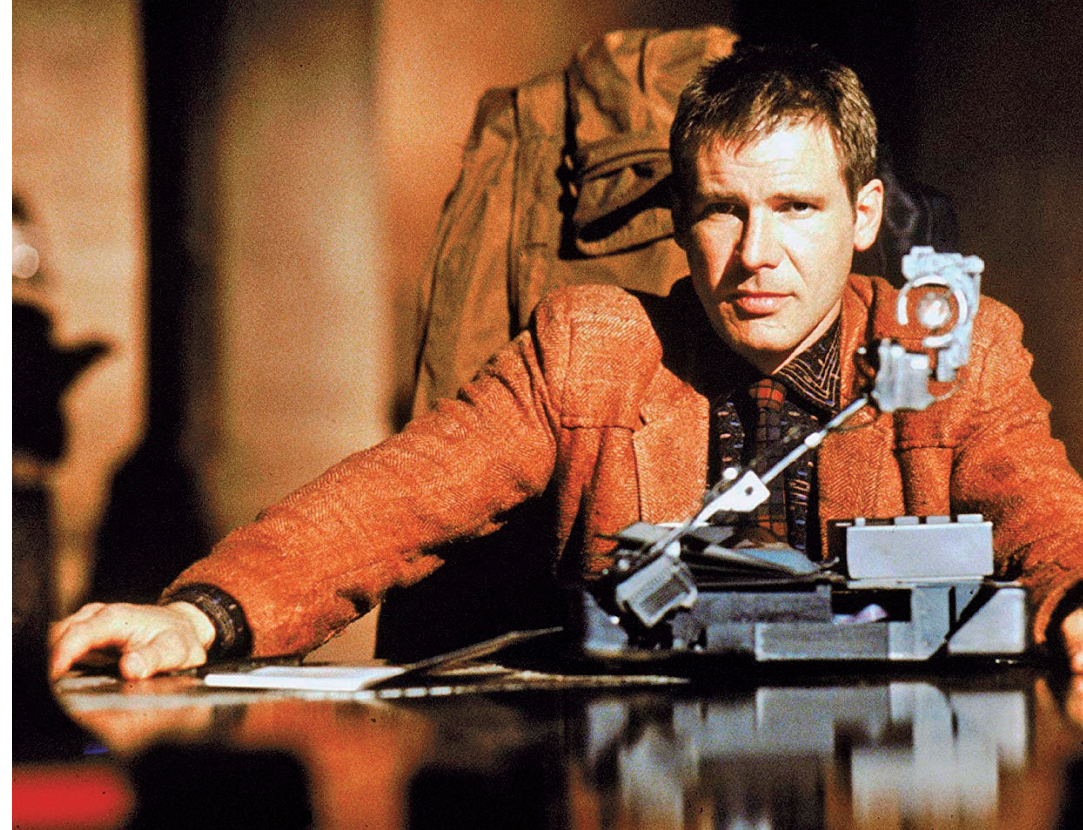
Metrópolis também consolidou o papel do cinema como meio de imaginação tecnológica. Ao representar robôs, arranha-céus e cidades subterrâneas, Lang inaugurou o imaginário visual que se tornaria característico da ficção científica do século 20.

A androide Maria — símbolo da fusão entre o humano e o mecânico — é uma das primeiras figuras de inteligência artificial (IA) da história do cinema, e sua imagem metálica se tornaria arquétipo recorrente em narrativas posteriores.

Desse modo, com seu foco na atmosfera e na deformação do real, Fritz Lang e Thea von Harbou forneceram a base estética que permitiu à ficção científica adquirir densidade simbólica.

A cidade futurista retratada no filme reflete a estrutura de uma sociedade dividida, onde o poder e o privilégio residem nas alturas luminosas, enquanto o esforço e o sofrimento permanecem nas profundezas. Essa verticalidade não é apenas arquitetônica, mas moral e social. Acima, os donos das fábricas, os planejadores, a cabeça que pensa e ordena; abaixo, os operários, as mãos que trabalham e sustentam

Cidade futurista (abaixo) é construída como uma metáfora visual do mundo mecanizado e a sua experiência sensorial antecipa a estética futurista do cinema moderno, influenciando obras como "Blade Runner" (imagens ao lado)



Fotos: Reprodução/The Ladd Company



Foto: Reprodução/Collection Christopher/Universum film



Produção introduziu métodos inéditos, como a técnica de miniaturas combinadas e o efeito Schufftan, que permitia integrar atores e maquetes no mesmo plano; na página seguinte: a androide Maria, símbolo da fusão entre o humano e o mecânico

Foto: Reprodução/Collection Christopher/Universum film

Entre ambos, um abismo que parece intransponível.

A figura de Joh Fredersen, o magnata que governa a cidade, encarna o capital em sua forma mais racional e fria. Ele representa a mente que calcula, administra e controla. Sua cidade funciona como uma máquina perfeita, onde tudo é ritmo, precisão e disciplina. Contudo, essa perfeição técnica é construída sobre a desumanização.

Os trabalhadores tornam-se extensões das engrenagens que movem, reduzidos a gestos repetitivos e a uma vida de rotina e angústias.

A eficiência move-se com tirania.

Nas entranhas de *Metrópolis*, o trabalho é sofrimento. As cenas subterrâneas, banhadas em sombras e luzes pulsantes, traduzem visualmente o inferno industrial da modernidade. As máquinas,

gigantescas e insaciáveis, exigem sacrifício humano para continuar funcionando. Quando uma delas explode, os corpos dos operários são engolidos por uma imagem demoníaca: Moloch, o deus que devora seus fiéis. A metáfora é clara — o sistema produtivo consome o homem que o alimenta. É a alienação levada ao extremo: o trabalhador já não reconhece a si mesmo naquilo que produz, nem entende o propósito do seu esforço. O trabalho, que deveria ser fonte de dignidade, transforma-se em penitência.

No entanto, é no encontro entre Freder, o filho do capitalista, e Maria, a profetisa dos oprimidos, que o filme propõe uma saída simbólica. Freder desce ao subsolo e vê, pela primeira vez, o sofrimento dos trabalhadores. Esse gesto de descida é também uma jornada interior: o reconhecimento da humanidade perdida.

Maria, por sua vez, anuncia a vinda de um mediador — “o coração” — capaz de unir a cabeça e as mãos.

Os homens já não se compreendiam.

A Cabeça e as Mãos haviam deixado de se entender, e foi por isso que a Torre de Babel foi entregue à destruição.

A Cabeça planejava, mas as Mãos trabalhavam sem compreender. E quando o pensamento e o trabalho não se unem por meio do sentimento, o que nasce é o caos.

A Cabeça e as Mãos precisavam de um mediador.

O mediador entre a Cabeça e as Mãos deve ser o Coração.

Thea von Harbou

O gesto final, em que a cabeça e as mãos se unem pelo coração, representa o desejo de equilíbrio entre a razão e a vida.

É uma esperança simbólica, talvez ingênua, mas profundamente necessária.

Thea von Harbou acreditava que o progresso poderia coexistir com a compaixão, e que a máquina, se guiada por um ideal humano, poderia deixar de ser instrumento de opressão.

Por essa razão, *Metrópolis* permanece como um monumento artístico e histórico. Sua influência atravessou o século, moldando tanto o visual das distopias cinematográficas quanto o imaginário arquitetônico do futuro.

Metrópolis tem o expressionismo dos sonhos e o tecnicismo da razão.

Entre ambos, o cinema de Lang e Harbou encontrou a capacidade de transformar a técnica

em arte e os sonhos em imagens. O expressionismo alemão, com suas luzes angulosas e sombras carregadas, dá forma a essa inquietação interior, e traz o filme para uma estética de mostra moderna e inovadora, abrindo o cinema a espetacularização das imagens em movimento.

Nesses anos, o cinema era mudo, mas já vislumbrava novas ideias...

A inteligência artificial!



Foto: Reprodução/Collection Christopher/Universum film

Mirabeau Dias é professor, cinéfilo e realizador de produções, a exemplo da longa-metragem 'Atonal e visionário' (2013). Atualmente, ele é vice-presidente da Academia Paraibana de Cinema (APC).

A leitura como farol: do mundo da palavra ao mundo digital

Ozias Filho

Especial para o *Correio das Artes*

A minha reflexão navega entre dois mundos: o mundo da palavra, sólida e perene, e o mundo digital, fluido e imediato. E trago também uma convicção, que se foi firmando em mim desde os sete anos de idade, através de um frase que nunca me abandonou: “Quem mal lê, mal ouve, mal fala, mal vê”.

Atribuída ao escritor e editor brasileiro Monteiro Lobato, pai do *Sítio do Picapau Amarelo*, essa frase foi o meu primeiro encontro consciente com o poder transformador da leitura. Estava afixada na porta da secretaria da minha escola primária, ilustrada por três macaquinhos: um a tapar os ouvidos, outro a cobrir a boca e o terceiro a velar os olhos. A conclusão é que uma imagem vale apenas aquilo que quer dizer e... disse.

Só com o passar dos anos e com o aprofundamento da minha própria jornada de leitura é que o seu verdadeiro significado se revelou de forma plena. Percebi que, através da leitura, se abriam janelas para mundos que nem sequer imaginava existir. Ler, para além do prazer intrínseco de viajar por terras desconhecidas e inimagináveis, é fundamentalmente um ato político.

É um caminho para o autoconhecimento, para a compreensão da realidade do Mundo e do Outro. Essa é a principal interpretação que aprendi daquela máxima de Monteiro Lobato ao longo da minha vida. Fui compreendendo, com o passar dos anos, que aquela não era apenas uma exortação para que lêssemos mais; mas um aviso profundo sobre as consequências da ignorância e da incompreensão para a nossa humanidade.

A nossa vida, como leitores assíduos ou como não leitores, é permeada por frases que sublinham a importância vital do ato de ler para o desenvolvimento humano e a nossa cidadania. O tema da leitura tem, ao longo dos anos, gerado calorosas discussões entre pedagogos, sociólogos, psicólogos, filósofos e uma miríade de profissionais de diversas áreas. Todos, de forma unânime, concordam que a leitura molda um ser humano mais preparado social, cultural e politicamente.

Vivemos hoje um paradoxo notável: nunca tivemos tanto acesso à informação, mas nunca, por outro lado, estivemos tão expostos à desordem e à manipulação. As notícias falsas, os algoritmos que moldam a nossa percepção e a efemeridade das interações digitais transformaram a linguagem num verdadeiro campo de batalha.

Neste cenário, a pergunta que se impõe é: Qual é o lugar da literatura? A resposta é clara e urgente: ela mais do que nunca, um ato político como sublinhei há pouco. Não no sentido partidário, mas sim naquele mais profundo do termo, como defendia o pedagogo Paulo Freire. É um ato de resistência contra qualquer poder instituído pela força, uma arma para a consciência que, uma vez despertada, não mais se cala. Ler é apreender o mundo e compreender o seu contexto. E não basta

“Quem mal lê, mal ouve, mal fala, mal vê”, frase atribuída a Monteiro Lobato, pai do *Sítio do Picapau Amarelo*

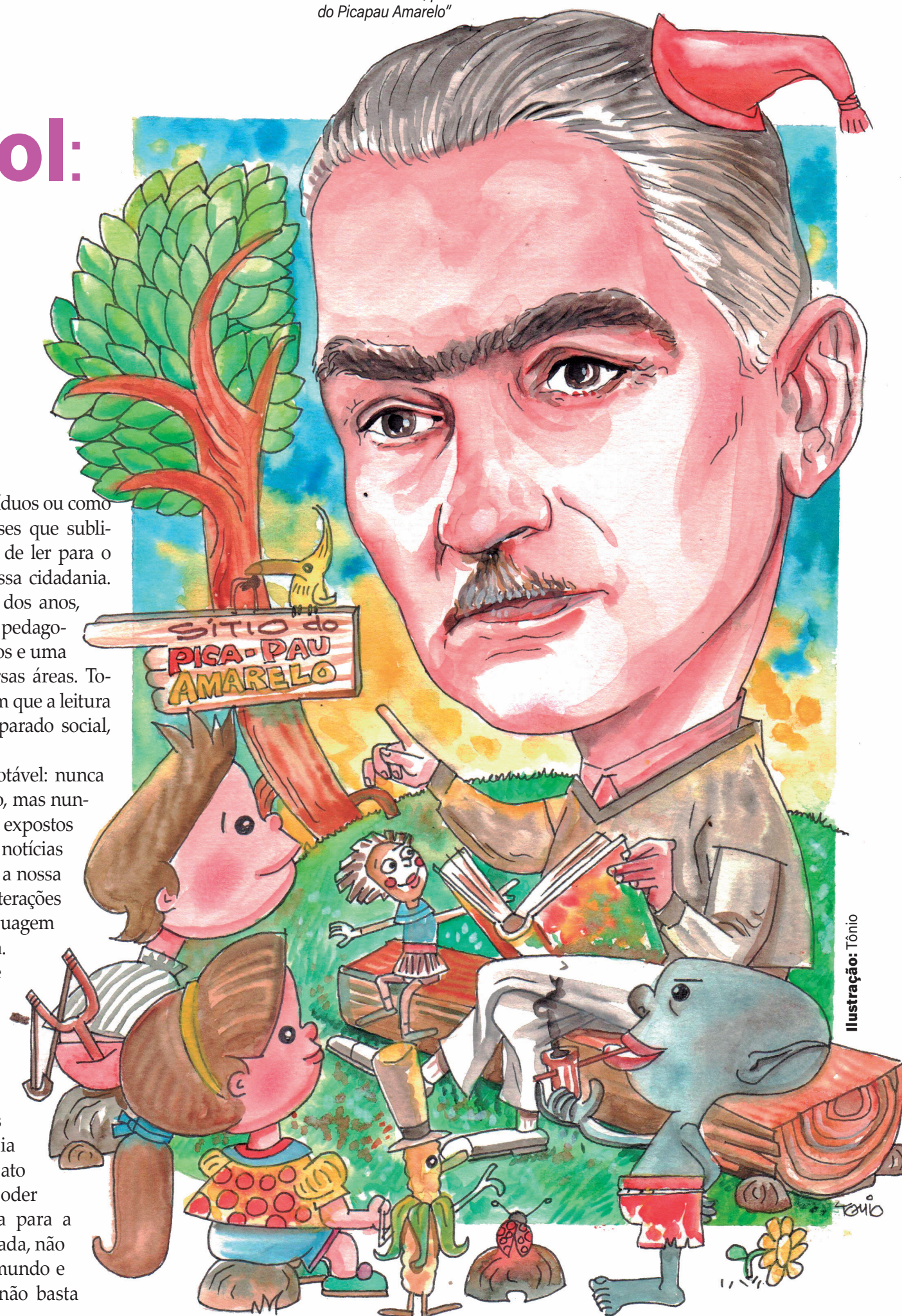


Ilustração: Tônio

viver numa ditadura, para compreender o sentido deste pensamento. Hoje vivemos sob a égide da ditadura do imediatismo, do consumismo, das mentiras e dos revisionismos históricos.

Ao lermos, ou ao acostumar-mo-nos à leitura, estamos inegavelmente numa relação dialética pois que o ato de ler não se esgota em si mesmo. A aprendizagem da leitura, da escrita, da alfabetização é, antes de mais, uma aprendizagem do mundo e a compreensão do seu contexto, o que não lhe confere uma manipulação mecânica das palavras, mas uma relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. Paulo Freire, sublinha que,

(...) a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Ou seja, sem essa relação dialética, ficamos incapazes de ver o que está na entrelinha, tornamo-nos carneiros enfileirados à volta de telas iluminadas de ilusão, facilmente domesticáveis pelo discurso do político, da propaganda ou da desinformação.

Não é por acaso que a leitura, a aprendizagem, a educação e a cultura são frequentemente desvalorizadas em regimes ditatoriais. Mesmo quando a leitura é incentivada nesses regimes, é porque cumpre e veicula a ideologia do poder vigente. Contudo, e aqui reside o seu poder intrínseco, a leitura — ou, de forma mais abrangente, a educação — constitui-se numa verdadeira arma contra qualquer poder instituído pela força, ou, como nos dias de hoje, no poder instituído pela dissimulação das mentiras.

A linguagem sempre foi um instrumento de poder; quem do-

Literatura é mais do que um ato político; não no sentido partidário, mas no mais profundo do termo, como defendia o pedagogo Paulo Freire (1921-1997)



Foto: Arquivo Estádio Conteúdo

mina as narrativas, domina a percepção da realidade. Contudo, na era digital, a palavra é frequentemente reduzida a um meio de persuasão rápida, esvaziada de profundidade, e é aqui que a literatura se destaca como antídoto vital. Ela exige pausa, contemplação e aceitação do ambíguo — elementos que desafiam frontalmente a simplificação grosseira da “verdade” do imediato.

Enquanto a desinformação busca aplainar os sentidos, a literatura multiplica-os. Ela habita o não dito, o inefável, a complexidade da experiência humana. Convidando o leitor, a interpretar, a sentir e a questionar, a literatura desautomatiza a nossa visão, quebra a rotina mental e permite-nos ver o mundo sob novas perspectivas.

A sua capacidade de proporcionar um espaço de reflexão, onde somos convidados a desacelerar, é essencial para a construção de um pensamento. A qualidade da nossa leitura determina a qualidade do nosso pensamento, e a qualidade do nosso pensamento, por sua vez, determina a qualidade da nossa civilização.

E chegados aqui no tempo da Inteligência Artificial (IA), pergunto “pode uma máquina criar poesia. Sim, a IA é capaz de pro-

duzir versos metrificadas, metáforas coerentes e até poemas que emocionam. Pode reproduzir a forma, mas falta-lhe algo intangível e insubstituível: a vivência. Um algoritmo não sente o luto, a perda, não conhece a resistência, não vive a paixão ou a saudade, nem luta contra a opressão. Pode simular, mas nunca possuirá a alma, fruto de uma experiência humana singular, imperfeita e contraditória.

Não quero, com isto, diabolizar o futuro. Longe de mim. A tecnologia pode e deve ser uma ferramenta incrivelmente útil, que amplia a criatividade humana. Mas é chegada a hora de uma legislação concertada que regule a IA, e de reforçar, no capítulo da Educação, um ensino que contemple os novos meios, mas que também aposte no bom e velho método do lápis e do papel nas escolas. É crucial que se leia, que se trabalhe a importância da língua, que se dominem os clássicos. Pois dominar a língua não é apenas uma habilidade prática, mas uma capacidade de autopercepção e compreensão do mundo.

A prática da leitura profunda — contraponto necessário à leitura superficial incentivada pelos media digitais — desenvolve circuitos neuronais essenciais para

o pensamento crítico, a atenção sustentada e a empatia cognitiva. Os neurocientistas têm demonstrado como a imersão em textos complexos fortalece as redes neuronais responsáveis pela reflexão analítica e pela compreensão contextual. Poderíamos quase dizer que ler é fazer musculação com o cérebro.

Vivemos sob a ditadura do instantâneo, é uma verdade. As redes sociais nos condicionam a reações rápidas, debates rasos e emoções descartáveis. Tudo se torna efêmero. Vivemos a era do esquecimento, em que até a história e a ciência são postas em causa. Vivemos na época da mentira repetida incontáveis vezes, que se tornou verdade absoluta para muitos. O ministro da propaganda de Hitler, Goebbels, deve estar se rindo do seu tumulto cármico, pois a história se repete de uma forma ainda mais dissimulada e com a velocidade da luz das redes.

A literatura, neste contexto, revela a sua dupla natureza: é tanto espelho como farol. Espelho das complexidades humanas, farol que ilumina caminhos possíveis. Através da imersão em mundos ficcionais, experimentamos realidades alternativas, vivemos vidas que não foram as nossas, ampliamos o nosso reportório existencial. Esta capacidade de “viver outras vidas” desenvolve a empatia, fortalece o tecido social, aprofunda a compreensão mútua.

Escrever e ler na era da Inteligência Artificial é, no fundo, um ato político de resistência. É uma forma de lutar contra a banalização e o simplismo telegráfico da palavra, contra a desumanização das relações e contra a ilusão de que tudo pode ser reduzido a dados e algoritmos.

Numa era de verdades relativas, a literatura não nos oferece respostas prontas. Em vez disso, ensina-nos a fazer as perguntas

certas. E quem pergunta, tem dúvidas; e quem tem dúvidas, é capaz de ver além, de não acreditar em tudo o que lhes tentam impingir pelos olhos, através de telas iluminadas de ilusões.

Monteiro Lobato, com a sua visão pioneira, deixou-nos outro pensamento que nos deve fazer refletir. Disse ele: “Um país se faz com homens e livros”. Atualizando o seu pensamento, eu digo que um país se faz com homens, mulheres e livros. A qualidade de uma democracia mede-se pela qualidade dos seus leitores. Sociedades que leem profundamente são sociedades que pensam criticamente, que decidem conscientemente, que convivem civilizadamente. Pelo menos, quero acreditar nisso ou que deveriam ser assim.

A biblioteca de Alexandria contemporânea não ardeu — pelo contrário, expandiu-se de forma inimaginável. Temos hoje acesso a mais livros do que qualquer geração anterior na história da humanidade. O desafio já não é o acesso à informação, mas a capacidade de a transformar em conhecimento, sabedoria e consciência. Temos, pois, em nossas mãos, os livros que quisermos ser, bem como os mundos que queremos ver no nosso horizonte. Devemos recolocar o livro no seu trono, que é o de ser fonte de saber permanente.

A escolha que se nos coloca é, no fundo, existencial: queremos ser consumidores passivos de conteúdos, ou leitores ativos de mundos? Sujeitos da tecnologia, ou sujeitos através da tecnolo-

gia? A resposta determinará não apenas o futuro da Literatura, mas o futuro da nossa humanidade partilhada.

Termino com uma convicção: a literatura sobreviverá não como relíquia do passado, mas como farol do futuro. Não como luxo de elites, mas como necessidade democrática. Não contra a tecnologia, mas através dela. O que está em jogo não é o futuro dos livros, mas o futuro da capacidade humana de criar sentido, beleza e verdade num mundo cada vez mais complexo e desigual. A literatura é uma necessidade imperativa. Ela não é apenas linguagem; é uma espécie de consciência, individual e coletiva. E talvez essa seja a sua maior força, e a nossa maior esperança.

Literatura revela a sua dupla natureza: é tanto espelho como farol — espelho das complexidades humanas, farol que ilumina caminhos possíveis



Foto: Ozias Filho/Arquivo pessoal

Ozias Filho nasceu no Rio de Janeiro (RJ), em 1962. É poeta, fotógrafo, jornalista e editor. Autor de ‘Poemas do dilúvio’, ‘Páginas despidas’, ‘O relógio avariado de Deus’, ‘Insulares’, ‘Os cavalos adoram maçãs’, ‘Insanos’ e ‘O avesso da casa’. Vive em Portugal desde 1991.

Mãos

Aberta e leve ao meu lado pousavas
como **mãos mansas de um escultor**:
Tatear atento. Estético rigor.

Depois me eras uma ânsia completa
como de um púbere aprendiz o punho:
Da arte de amar ainda um rascunho.

De repente, a fuga para longe do meu tato
como fosse o tempo mãos de prestidigitador:
Truque. Pancada. Impacto. Dor.

Como as mãos cerradas de um pugilista.

Self postada sem filtros

Agora é o limiar do meu ácido!
Então corroo a garrafa que me comprime
e me empareda entre os muros de um regime.
Qualquer dos seus flancos faço flácido.

Dilacero um chão que me apequena,
arreganho seus sulcos estreitados,
contamino a água que me envenena,
e envio para as tripas lascas de vidros mastigados...

Retranca dos medos

Tenho temores, que me danam,
roendo as tripas que carrego,
jorrando na baba o meu sangue
de afeto na cruz feito em prego

que, à força do malho insensível,
me crava esta dor invisível

e rasga a paz dos meus hormônios,
enquanto procuro a tremer
os braços perdidos de sonhos

que **são, para além, paráliticos**
amparados por ansiolíticos.

Canção das sombras urbanas

A força, o esforço, o cansaço
na selva de serra e sargaço
que a nossa cidade se faz.
Suas seitas
Suas setas
Seus sinais...
Os sonhos vaporosos,
nas sombras, mormaços, respiram fuma-
ça
entre os passos das pessoas
e os edifícios colossais...
Danças, saraus, serões, assobios...
Em cada silvo a canção se refaz
pelo estresse dos órgãos cansados.
As sortes, as sinas, os enfados...
Oh, sombra dos descansos, onde estás?

Arietes noturnos

Cair à cama...

(Até a barra quebrar
quebrar algemas,
cuspir dilemas,
manequins de lojas quebrar!
Quebrar as blindagens do banco!
Ventar estilhaços,
soprar mormaços,
no surto, na marra, no tranco!
Até a barra quebrar...
Apagar as estrelas dos postes,
quer me veneres, quer não me gostes!
Em melíflua carícia espancar!
... Setenta vezes sete perdoei! Conteí até dez!...
Ranger os dentes! Desatar os braços! Soltar os pés!
Faquir afagando vidro pontudo...
Ser contra todos, Ser contra tudo,
que o Ter é o que tende a reinar!
Rasgar as flores do túmulo onde fui me deitar,
antes que os dentes subterrâneos venham me rasgar...)

(... Açoite luminoso na janela
com suspiros de alívio. Um panegírico,
sem cortina, sem sombra e sem tramela,
ao descanso de meu ariete onírico...)

Sair da cama.

As sombras são

Nascem folhas, dançam,
viram sombras cãs.
O branco das almas.
Mãos nos pés de palmas.
Lembranças sertãs...

Carlos Pereira de Almeida é Mestre em Literatura (UEPB) e professor efetivo de Português (SEE-PB). Nascido no Rio de Janeiro (1973), reside em Campina Grande desde 1983. Possui textos publicados em diversas antologias e coletâneas (poemas, contos e artigos sobre literatura).





Tiago Germano
tdgermano@gmail.com



Ao rés da página

Pobres paulistas

Uma análise de discurso da recepção ao premiado longa-metragem de Kleber Mendonça Filho, “O Agente Secreto”, pela imprensa sudestina

Em 1983, o Ira! lançava seu primeiro compacto com as canções “Pobre paulista” e “Gritos na multidão”, mais tarde incluídas no segundo álbum da banda, *Vivendo e não aprendendo* (1986). Segundo Nasi, em entrevista à revista *Trip*, publicada em 2009, “Pobre paulista” — letra composta por Edgar

Scandurra ainda na adolescência — continha uma clara mensagem xenofóbica: *Não quero ver mais essa gente feia. / Nem quero ver mais uns ignorantes. / Eu quero ver gente da minha terra, / Eu quero ver gente do meu sangue.*

Citando um encontro com o guitarrista, Nasi explicava em todas as linhas: “Ele (Scan-

durra) sentou e disse: ‘Olha, essa música é realmente um preconceito contra a invasão de nordestinos, era o que eu estava pensando na época e foi isso que eu quis dizer mesmo, eu não aguentava essa coisa de música baiana, de Caetano, de Gil’”, justificava o compositor, que escreveu a letra nos idos

dos anos 1970, em pleno rescaldo da Tropicália.

Banida do repertório do Ira! desde então, “Pobre paulista” é uma pequena amostra do tipo de reação que se pode esperar do resto do Brasil, particularmente do Sul-Sudeste, sempre que a cultura da outra parte do país, particularmente do Norte-Nordeste, alcança algum tipo de evidência. Mês passado foi a premiação do Globo de Ouro, na qual *O Agente Secreto* (Brasil, 2025), longa dirigido pelo pernambucano Kleber Mendonça Filho, se consagrou como Melhor Filme em Língua Não Inglesa e o baiano Wagner Moura, por sua vez, amealhou o troféu de Melhor Ator na categoria Drama.

“Kleber e Wagner são chatos, mas *O Agente Secreto* merece ser indicado ao Oscar”, ostentou *O Estadão*, na manchete de 12 de janeiro de 2016. “*O Agente Secreto* fica sem Globo de Ouro de Filme de Drama, que vai para *Hamnet: a vida antes de Hamlet*”, preferiu noticiar a *Folha de S.Paulo*, no mesmo dia. En-

tre as críticas mais ferinas, uma se destacou: “Esqueça a política e veja *O Agente Secreto*”, recomendou o colunista do *UOL*, Alexandre Borges.

A maioria desses textos pode ser consultada online, quase todos com a clássica interrupção de *paywall* que, felizmente, me impediu de acessá-los de graça (porque pagando, eu me recuso

No Globo de Ouro, o baiano Wagner Moura foi laureado na categoria de Melhor Ator (Drama) pelo papel no filme pernambucano, que chegou a ter análises xenofóbicas pelos meios de comunicação do Sul-Sudeste



Foto: Victor Jucá/Divulgação

Tânia Maria encarna a carismática dona Sebastiana, em "O Agente Secreto"



Foto: Victor Jucá/Divulgação

a ter raiva). Ainda assim, tive contato com a crítica de Borges através de uma análise feita na plataforma Substack pelo crítico Pablo Villaça. Depois de nos localizar no espectro político do jornalista da UOL ("palestrante, podcaster e crítico cultural" com passagens por veículos como *O Antagonista* e Jovem Pan, o que já diz tudo), Villaça cita um trecho da coluna em que Borges refere-se mais diretamente ao Nordeste:

"Você pode considerar a mensagem política de *O Agente Secreto* nauseante, como a ideia explícita de que o Sudeste é o responsável, de maneira dolosa, pela pobreza e o atraso do Nordeste, ou a sugestão implícita de que o empresariado paulista é 'fascista' e 'entreguista' por ter sangue italiano e, mesmo assim, apreciar a reconstituição dos anos 1970 e algumas atuações brilhantes, como de Tânia Maria, a ótima dona Sebastiana, que é a alma do filme".

Óbvio que alguém razoável como Villaça sublinha por mim a xenofobia de Alexandre Borges: "Mais 'nauseante' do que a ideia de que o Sudeste seria responsável pelas dificuldades econômicas enfrentadas pelo Nordeste ('atraso' é um termo que revela muito sobre a visão do autor) é a constatação de que isso é um fato histórico incontestável. Talvez Borges não tenha a curiosidade de estudar o passado, já que isso poderia atrapalhar suas argumentações baseadas na pura ignorância (e talvez no preconceito?), mas há inúmeros

exemplos de políticas oficiais que causaram danos gravíssimos ao Nordeste".

Preguiça xenofóbica

Estudar o passado não parece ser o forte do tipo de profissional que vem ocupando o *locus* crítico que aqui expomos. Talvez levado pelo debate político suscitado pela premiação de *O Agente Secreto*, André Shalders (repórter do *Metrópoles*, ex-*Estadão* e *BBC Brasil*), publicou esta excrescência em seu perfil numa rede social:

"Tem um marcador de classe nessa história de falar sobre a Ditadura Militar (1964). Se o seu pai ou o seu avô foi reprimido pela ditadura, provavelmente é porque eles eram politizados, ou seja, eles provavelmente eram escolarizados e moravam em centros urbanos. Possivelmente eram universitários, jornalistas, advogados. Duas ou três gerações atrás, isso era uma coisa reservada à elite, pois 80% do Brasil era rural e muito pobre e os seus ancestrais foram camponeses do interior, dificilmente tiveram qualquer coisa a ver. Ter uma 'história de repressão na ditadura' na família é coisa de classe média estabelecida. É chique. Não é algo que esteja no horizonte mental do emergente, do pequeno comerciante, do cara que é o primeiro da família a sair do sufoco".

Custa-me reproduzir a asneira completa, e a resposta de uma leitora, sinalizando "a falta que faz a ele não ter assistido *Cabra marcado para morrer* (Brasil, 1984), documentário de Eduardo Coutinho (1933–2014) sobre a vida de João Pedro Teixeira (1918–1962), líder das ligas camponesas aqui na Paraíba, foi uma entre as várias correções da falácia proferida por Shalders, conveniente ignoradas pelo repórter e pelo portal de notícias *Metrópoles*, que

não se manifestou sobre as declarações, de alguma forma referendando-as.

Entre os produtores de conteúdo da mídia alternativa, Pedro José, do perfil do Instagram *HQ Sem Roteiro*, direcionou sua lente para o que ele chamou de "preguiça xenofóbica" do crítico e diretor de cinema Eduardo Escorel, que em sua resenha sobre *O Agente Secreto* na revista *Piauí*, de 19 de novembro de 2025, assinou: "Como nunca vivi no Recife, o filme continuou meio enigmático para mim, além de recheado de citações excêntricas. Entre elas a da Perna Cabeluda, da qual nunca ouvira falar".

Pedro José é cirúrgico: "Eu me pergunto se quem critica um filme pela suposta desconexão com alguma região do Nordeste brasileiro, se incomoda por não saber muito bem como é que funcionam as dinâmicas na Times Square. (...) Essa preguiça característica da xenofobia me irrita de um jeito que vocês não têm ideia", diz o crítico, natural do Ceará.

Pulando do cinema para a literatura, sinto essa preguiça xenofóbica há tempos, e de várias formas, na recepção à literatura produzida por autores do Nordeste. Uma delas é bastante semelhante, e se manifesta desde o momento em que você escreve "muriçoca" e um editor te sugere substituir por "pernilongo", até a clássica formulação de que um enredo que se passa numa pequena cidade nordestina é "menos universal", ou "menos vendável", que um que se passe num grande centro urbano (preferencialmente do Sul-Sudeste).

Trata-se, felizmente, de um preconceito mais raro hoje em dia, embora talvez ainda seja preciso lembrar que tradutores do Sul-Sudeste usam regionalismos livremente em suas traduções (supostamente voltadas para leitores de todo o Brasil), e ninguém acha isso tão estranho como talvez poderia parecer se o tradutor fosse do Norte-Nordeste, e usasse do mesmo expediente.

Para mim, o preconceito agora se transferiu para a cobrança de uma "nordestinidade" da nossa prosa (nordestinidade essa formulada ao gosto sudestino e ao perfeito estereótipo de tudo o que ele definiu historicamente como nordestinidade: seca, fome, nenhum espaço para o Nordeste metropolitano, nenhum interesse pelo drama de personagens dos grandes centros urbanos daqui, porque esse retrato "os nossos autores já fazem melhor").

Lembro-me, por fim, de um colega paulista que certa vez me confessou algo como: "O duro de ser de São Paulo é que aqui se dá mais espaço aos autores nordestinos que se naturalizaram paulistas a quem nasceu aqui de verdade." Relevei o tom xenofóbico, até porque suspeito que talvez só essa naturalidade, ainda hoje, te credencie a falar aos leitores de lá as coisas que, daqui, não conseguimos dizer, ilhados nessa "nordestinidade".

Pobres paulistas, enfim, vítimas de sua própria xenofobia.

Cena de "Cabra marcado para morrer" (Brasil, 1984), antológico documentário de Eduardo Coutinho



Foto: Reprodução-IMS

Tiago Germano é autor do romance 'O que Pesa no Norte' (Moinhos, 2023), obra semifinalista do Prêmio Oceanos, e foi indicado ao Jabuti pelas crônicas de 'Demônios domésticos' (Le Chien, 2017). É professor de Escrita Criativa e mora em João Pessoa (PB).

Que amanhã sejamos quem somos

Cada ser humano traz consigo duas almas — a interior e a exterior. Uma olha de dentro para fora e outra olha de fora para dentro. As duas completam quem somos. Quem perde uma das almas, perde metade da existência. Em alguns casos, a perda da alma exterior significa a perda da existência inteira.

(Machado de Assis, 1882, personagem Jacobina, em *O Espelho*)

Fellipe Sá Brasileiro
Especial para o *Correio das Artes*

Leu a tese de Jacobina no conto *O Espelho*, de Machado de Assis, e saio para passear pelo Centro Histórico de João Pessoa. É domingo à tarde, pouco antes do pôr do sol. Enquanto caminho pela Av. General Osório, reflito sobre minha existência à luz da teoria das almas. Busco, na paisagem, algo que revele minha alma exterior — um velho amigo, um festejo familiar, algo que, como um espelho, me permita reconhecer de imediato quem sou.

Ando até a Praça Dom Eurico e me sento sob a sombra das árvores. Ali, sinto uma paz serena ao me perder na beleza do antigo Colégio Nossa Senhora das Neves. Chego a ouvir, no silêncio da praça, o eco das almas de seus antigos habitantes, até que, de repente, à frente do colégio, a visão de uma placa de obra interrompe o momento: ela exhibe uma jovem com uma tela em mãos e anuncia

o parque tecnológico Horizontes de Inovação. A mensagem soa em mim como um contraste marcante entre a história do colégio e as promessas de um futuro que se impõe.

Incomodado, deixo de lado a busca pela minha alma e me pergunto sobre a alma das pessoas que ali passaram. Embora o parque seja importante, é triste ver a conversão de um espaço que, um dia, foi a alma exterior de alguém. O colégio, como sugere Jacobina, transmite a vida àqueles que o tiveram como espelho; sua perda, portanto, equivale a uma morte. Percebo que meu desconforto não está no parque em si, mas no que ele apaga. Sinto-me solidário com as almas que se perdem, mas não tenho forças para protegê-las. Por ora, ciente de que a inovação não poupa a alma de ninguém, aceito minha fragilidade e sigo o passeio, pois, se quero encontrar um reflexo de quem sou, preciso

ver a vida acontecer diante dos meus olhos.

Deixo para trás a praça e o colégio, ainda que o desconforto com a perda das almas persista. Enquanto caminho, a paisagem se modifica, e a imagem da singela Casa da Pólvora se revela. Ao longe, a cena das pessoas espalhadas pelo gramado é reconfortante; parecem uma grande família do interior à espera do pôr do sol. Vejo uma senhora, com gestos cuidadosos, fixando balões na parede — provavelmente para celebrar o aniversário do seu neto.

Por um momento, penso que utilizar a casa para uma festa particular é um desrespeito ao patrimônio histórico. Porém, ao me colocar no lugar da senhora, percebo que talvez a casa tenha sido o espelho da sua vida; celebrar ali a vida do seu neto pode ser a forma genuína de manter viva sua alma exterior. Amanhã, certamente, ela e o neto se sentirão mais convictos de quem são. O que percebo é o bastante para entender que, em meio à onda inovadora que engole as almas, a busca por quem somos é um ato legítimo de resistência.

O exemplo daquela senhora me inspira enquanto sigo em busca da minha alma. Ainda sem encontrá-la, decido ir ao mirante do Hotel Globo a tempo de assistir ao pôr do sol. Afinal, o pôr do sol do hotel sempre me revelou a força da vida. Pelo andar da hora, sigo com pressa, tal qual o coelho de

Alice no País das Maravilhas, sem tempo a perder.

Em um piscar de olhos, passo ao lado da Praça Antenor Navarro em direção ao meu destino; apresso o passo à medida que vejo o sol descer. Logo adiante, deparo-me com o hotel e me prendo na harmonia entre suas roseiras e palacetes. A cena me remete às casas de vó no Sertão, serenas e cheias de flores — uma lembrança saudosa de algo que já foi minha alma exterior. Sinto-me acolhido, como se fosse convidado a entrar. Vou pelo corredor estreito entre os dois salões, até o mirante. Percebo que não será fácil chegar ao fim: as pessoas disputam a luz do espaço, em busca de fotos casuais. Enquanto sigo pelo caminho, esbarro com uma jovem de costas, que posa para um rapaz. Ao me ver, ele interrompe a foto e pergunta:

— Quer passar?

Não sei se a pergunta veio da noção de que estão interrompendo o fluxo ou do incômodo causado por minha presença. Já atrasado e sem disfarçar o óbvio, respondo com um sutil movimento de cabeça e sigo em frente.

No caminho, ainda desvio de um homem que luta por uma *selfie*. Ele faz cara de poucos amigos ao me olhar nos olhos, mas de bom moço ao olhar no olho da tela. Acho engraçado. Transita facilmente entre uma cara e a outra, à medida que estica e retrai o braço, entre a foto e a conferência. A sincronia é tão perfeita que me faz questionar, ironicamente, se as câmeras emitem um feitiço capaz de domar instantaneamente uma cara feia. Brincadeiras à parte, sua performance é um sintoma do quanto estamos reduzidos ao poder dos *views*. De mão beijada, as almas se perdem para o olho da tela, em um tempo presente perfeito e sem fim.

O fato é que não vejo as almas dessas pessoas — embora exis-

tam. Talvez agora elas se reflitam nas telas, e não no cenário; um fenômeno comum, mas estranho — como se o cenário fosse um mero adereço para as fotos. O cenário, no entanto, é o portal que liga nossas histórias; é um meio caminho para encontrarmos quem somos. Para encontrar minha alma, agora, agarro-me ao cenário; faço dele o farol do meu olhar: concentro meus sentidos na direção do mirante, como se ele pudesse, enfim, revelar aquilo que busco.

Vejo o sol beijar a linha do horizonte e dourar as superfícies que toca. A luz me convida a olhar para quem fui em outras estações. Inesperadamente, ela me afasta do conforto efêmero de um reflexo superficial da minha imagem; guia-me pelos meus sertões mais profundos e me leva a encarar nos olhos de quem fui para dizer-lhe que, amanhã, seremos quem somos, juntos. Essa reconciliação interior me fortalece, mas não me completa. Sei que preciso me enxergar em outro espelho humano, por mais embaçado que ele seja.

Por acaso ou destino, naquele instante, vejo uma jovem gestante sentada à minha frente. Percebo que ela e o bebê se agarram à paisagem enquanto se nutrem da luz dourada. Sinto que, ali, ambos carregam a angústia e o desejo de existirem no amanhã. Logo me reconheço naquela angústia embebida em esperança. Como o espelho de Jacobina, ela transmite a vida que me falta para seguir. Agora, mesmo que por um breve instante, sinto-me inteiro.

O que a faz seguir, o que nos faz seguir, é, sem dúvida, a esperança de que, apesar da fragilidade de nosso tempo, amanhã buscaremos quem somos, outra vez. Talvez, o que a vida espera de nós no presente seja apenas isso: um desejo esperançoso — no plural do subjuntivo — diante do desconhecido: Que amanhã sejamos quem somos.

**"Para encontrar
minha alma, agora,
agarro-me ao
cenário; faço dele o
farol do meu olhar:
concentro meus
sentidos na direção
do mirante, como
se ele pudesse,
enfim, revelar
aquilo que busco"**



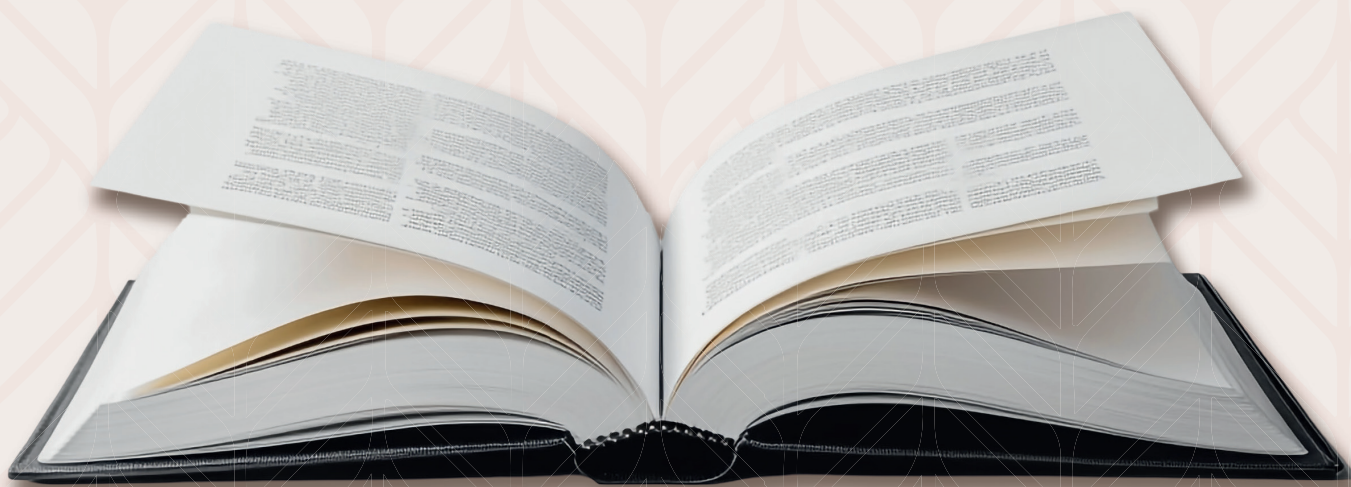
Fellipe Sá Brasileiro é natural de João Pessoa. É professor do Departamento de Comunicação e dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação e em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

VOCÊ, AUTOR

PUBLIQUE SEU LIVRO NA EDITORA A UNIÃO.



Da avaliação do original, passando pela edição, revisão, diagramação, até finalizar com a impressão, realizamos o trabalho completo de transformação do seu texto em obra.



Entre em contato e agende uma conversa:
(83) 99363-7083



A vida
acontece
com
o Sesc

A vida **acontece**
com educação,
saúde, cultura,
lazer e assistência.

Sesc
Fecomércio
Senac